

**FACULDADE DE CIÊNCIAS DO DESPORTO E EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA**

DIOGO ALEXANDRE CASTRO MOREIRA

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO PEDAGÓGICO DESENVOLVIDO NO AGRUPAMENTO
DE ESCOLAS DE OLIVEIRINHA JUNTO DA TURMA DO 9.ºA NO ANO LETIVO
DE 2011/2012**

**COIMBRA
2012**

DIOGO ALEXANDRE CASTRO MOREIRA

2010111564

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO PEDAGÓGICO DESENVOLVIDO NO AGRUPAMENTO
DE ESCOLAS DE OLIVEIRINHA JUNTO DA TURMA DO 9.ºA NO ANO LETIVO
DE 2011/2012**

Relatório de Estágio apresentado à Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra com vista à obtenção do grau mestre no Ensino da Educação Física dos Ensinos Básico e Secundário.

Orientadora: Doutora Elsa Silva

COIMBRA

2012

FICHA DE CATALOGAÇÃO

Moreira, D. (2012). *Relatório de estágio pedagógico desenvolvido no Agrupamento de Escolas de Oliveirinha junto da turma do 9.ºA no ano letivo de 2011/2012*. Relatório de Estágio, Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.

À minha Família.

AGRADECIMENTOS

Ao longo do meu percurso acadêmico foram muitas as adversidades que se tornaram desafios, agora que o topo desta montanha está alcançado, pretendo abrir horizontes e ir mais além, pois só assim me sinto vivo.

À minha mãe, por me transmitir a força e coragem com que enfrenta cada dia.

Ao meu pai, por me fazer acreditar que é possível.

Ao “manito”, pelo orgulho que depositou em mim.

Ao Manel, pela amizade e disponibilidade em ajudar.

Ao meu avô, por ser o meu ídolo, com quase cem anos de história.

À minha avó, pelo carinho e preocupação que sempre demonstrou para comigo.

À professora orientadora Elsa Silva, e em especial, ao professor Fernando Leite, pelo companheirismo, pela disponibilidade, e sobretudo, pela experiência transmitida ao longo do ano de estágio.

Aos meus amigos João Teles e Sérgio Pedro, por todos os momentos vividos durante o ano de estágio, que certamente, marcarão para sempre a minha vida.

Ao João Domingos, pela oportunidade que me deu de percorrer imensos quilómetros com ele, repletos de reflexão.

Bem-haja, a todos.

“Para aqueles que têm apenas um martelo como ferramenta, todos os problemas parecem pregos.”
(Mark Twain, s/d)

RESUMO

Este documento consiste na elaboração do Relatório Final do Estágio Pedagógico, realizado como parte integrante e conclusiva do Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, no qual integra a dimensão transversal da ética profissional, designadamente no que diz respeito à capacidade de reflexão crítica e fundamentada da minha experiência formativa enquanto professor estagiário, fazendo uma análise do rumo traçado por mim no início do ano letivo e do trabalho desenvolvido através das atividades de ensino-aprendizagem. O Estágio Pedagógico decorreu no Agrupamento de Escolas de Oliveirinha, envolvendo a lecionação das aulas de Educação Física a uma turma do 9.º ano de escolaridade, sob orientação da professora da Faculdade Elsa Silva e o acompanhamento do Professor cooperante do grupo disciplinar de Educação Física da Escola Básica Castro Matoso, professor Fernando Leite. A partir do desenvolvimento da prática docente, também será explorado um tema que se enquadra nos domínios de intervenção da Educação Física escolar, sendo analisado o processo de ensino-aprendizagem dos jogos desportivos coletivos e a relação existente entre o transfere de aprendizagens e a similitude entre as habilidades motoras nas diferentes modalidades. Sendo assim, o Estágio Pedagógico apresentou-se como uma oportunidade marcante no desenvolvimento das minhas competências profissionais associados ao ensino da Educação Física, sublinhando a formação contínua do professor, num processo ininterrupto de aprimoramento da prática pedagógica.

PALAVRAS-CHAVE: ESTÁGIO PEDAGÓGICO. ENSINO APRENDIZAGEM. ÉTICA PROFISSIONAL. JOGOS DESPORTIVOS COLETIVOS. TRANSFERE. SIMILITUDE. HABILIDADES MOTORAS.

ABSTRACT

This document is the preparation of the Final Report of Teacher Training, conducted as a component and conclusive part of the Masters in Teaching Physical Education in Primary and Secondary Education of Sport Sciences and Physical Education at the University of Coimbra, which includes the transversal dimension of professional ethics, namely in what regards the capacity for critical and reasoned reflection of my formative experience as a teacher trainee, analysing my target at the beginning of the school year and the work done in the teaching/learning activities. The Teacher Training was held at the Agrupamento de Escolas de Oliveirinha involving the teaching of physical education to a 9th grade class, under the guidance of College teacher Elsa Silva and accompanying teacher of the disciplinary cooperative group of Physical Education Castro Matoso Elementary School, teacher Fernando Leite. From the development of the teaching practice, a theme that fits the policy areas of Physical Education will also be explored and the process of teaching and learning of the collective sports games and the relationship between the transfer of learning and the similarity between the motor abilities in different modes will be analyzed. Thus, the Teacher Training presented itself as a remarkable opportunity to develop my professional skills associated with the teaching of Physical Education, stressing the teacher training in a process of continuous improvement of teaching practice.

KEYWORDS: TEACHING PRACTICE. TEACHING LEARNING. PROFESSIONAL ETHICS. COLLECTIVE SPORTS GAMES. TRANSFER. SIMILARITY. MOTOR ABILITIES.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	V
RESUMO	VII
ABSTRACT	VIII
ÍNDICE DE ANEXOS	XI
LISTA DE ABREVIATURAS	XII
1. INTRODUÇÃO	1
2. CONTEXTUALIZAÇÃO DA PRÁTICA DESENVOLVIDA	3
2.1. OBJETIVOS E EXPETATIVAS INICIAIS.....	3
2.2. CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA.....	4
2.2.1. <i>Recursos Físicos de Educação Física</i>	5
2.3. GRUPO DE EDUCAÇÃO FÍSICA	6
2.4. TURMA.....	7
3. DESCRIÇÃO E ANÁLISE REFLEXIVA SOBRE AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS	9
3.1. PLANEAMENTO	9
3.1.1. <i>Plano Anual de Turma</i>	9
3.1.2. <i>Unidades Didáticas</i>	10
3.1.3. <i>Planos de Aula</i>	12
3.2. REALIZAÇÃO.....	13
3.2.1. <i>Instrução</i>	13
3.2.2. <i>Gestão</i>	14
3.2.3. <i>Clima/Disciplina</i>	15
3.2.4. <i>Decisões de Ajustamento</i>	16
3.3. AVALIAÇÃO.....	17
3.3.1. <i>Diagnóstica</i>	18
3.3.2. <i>Formativa</i>	20
3.3.3. <i>Teórica</i>	22
3.3.4. <i>Sumativa</i>	24
3.3.5. <i>Final</i>	25
3.4. ATITUDE ÉTICO-PROFISSIONAL	27
4. ENSINO-APRENDIZAGEM	29
4.1. APRENDIZAGENS REALIZADAS	29
4.2. APRENDIZAGENS DOS ALUNOS	31
5. FORMAÇÃO	33
5.1. DIFICULDADES SENTIDAS E FORMAS DE RESOLUÇÃO	33

5.1.1.	<i>Teoria vs. Prática</i>	33
5.1.2.	<i>Avaliação Diagnóstica, Planeamento e Roulement</i>	33
5.1.3.	<i>Elevada Quantidade de Modalidades Abordadas</i>	34
5.1.4.	<i>Constituição da Turma (Alunos com NEE)</i>	34
5.1.5.	<i>Feedback Pedagógico</i>	36
5.2.	FORMAÇÃO CONTÍNUA	36
6.	APROFUNDAMENTO DO TEMA	38
6.1.	INTRODUÇÃO	38
6.2.	JOGOS DESPORTIVOS COLETIVOS	39
6.3.	TRANSFERE DE APRENDIZAGEM E SIMILITUDE ENTRE HABILIDADES MOTORAS	39
6.3.1.	<i>Transfere de aprendizagem</i>	39
6.3.2.	<i>Similitude entre Habilidades Motoras</i>	40
6.3.3.	<i>Procedimentos para Amplificar o Transfere de Aprendizagem</i>	41
6.4.	PRÁTICA TRANSFERÍVEL NOS JDC.....	42
6.5.	REFLEXÃO SOBRE A APLICAÇÃO DA PRÁTICA TRANSFERÍVEL REALIZADA	43
7.	CONCLUSÕES	46
8.	BIBLIOGRAFIA REFERIDA.....	48
8.1.	REFERÊNCIAS NORMATIVAS	48
8.2.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	48
ANEXOS		51

ÍNDICE DE ANEXOS

ANEXO 1 – PLANEAMENTO ANUAL

ANEXO 2 – ROULEMENT

ANEXO 3 – PLANO DE AULA E RELATÓRIO

ANEXO 4 – GRELHA DE OBSERVAÇÃO

ANEXO 5 – GRELHA DE REGISTO DOS FEEDBACKS DO PROFESSOR

ANEXO 6 – FICHA DE CARACTERIZAÇÃO INDIVIDUAL DOS ALUNOS

ANEXO 7 – GRELHA DE AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA

ANEXO 8 – GELHA DE AVALIAÇÃO FORMATIVA PONTUAL

ANEXO 9 – GRELHA DE AVALIAÇÃO SUMATIVA

ANEXO 10 – FICHAS DE RELATÓRIOS DE AULA DOS ALUNOS

ANEXO 11 – CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO, PARÂMETROS, PONDERAÇÕES E NÍVEIS DE DESEMPENHO

LISTA DE ABREVIATURAS

EF: Educação Física

FCDEF-UC: Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra

JDC: Jogos Desportivos Coletivos

MEEFEBS: Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário

NEE: Necessidades Educativas Especiais

PNEF: Plano Nacional de Educação Física

TGFU: Teaching Games for Understanding

UD: Unidade Didática

TEOR DE COMPROMISSO DE ORIGINALIDADE DO DOCUMENTO

Diogo Alexandre Castro Moreira, aluno n.º 2010111564 do MEEFEBS da FCDEF-UC, venho declarar por minha honra que este Relatório Final de Estágio constitui um documento original da minha autoria, não se inscrevendo, por isso, no definido na alínea s do artigo 3.º do Regulamento Pedagógico da FCDEF.

1. INTRODUÇÃO

O presente relatório foi realizado no âmbito da unidade curricular de Estágio Pedagógico, inserido no segundo ano do Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra.

O Estágio "*é a componente curricular da formação profissional de professores cuja finalidade explícita é iniciar os alunos no mundo da prática docente e de desenvolver competências práticas inerentes a um desempenho docente adequado e responsável*" (Formosinho, 2001).

A realização deste documento tem como objetivos primordiais fazer uma profunda análise crítica e fundamentada, refletindo acerca das atividades de Ensino-aprendizagem e da Atitude Ético-profissional da minha experiência formativa enquanto professor estagiário. Além destes, podemos concluir que existem outros objetivos inerentes ao estágio, Daresh (1990, cit. Por Caires & Almeida, 2000) salienta os seguintes: "*a aplicação das competências e conhecimentos adquiridos ao longo do curso a um contexto prático; o alargamento do repertório de competências e conhecimentos do aluno através da sua participação numa série de experiências práticas; o ensaio de um compromisso com uma carreira profissional; a identificação das áreas (pessoais e profissionais) mais fortes e aquelas que necessitam de algum aperfeiçoamento; ou, ainda, o desenvolvimento de uma visão mais realista do Mundo Profissional em termos daquilo que lhe é exigido e que oportunidades lhe poderá oferecer*" (p. 221 e 222).

A estrutura deste documento pretende seguir as orientações e referências fornecidas no guia de estágio, onde serão abordados alguns elementos considerados essenciais, além de outros que considero pertinentes e relevantes. Numa fase inicial ele é composto pela contextualização da prática desenvolvida, fazendo referência às expectativas iniciais, ao projeto formativo e elementos relativos às condições locais e da relação educativa. De seguida será realizada uma análise reflexiva sobre a prática pedagógica e as atividades desenvolvidas, atribuindo maior ênfase à dimensão da ensino-aprendizagem (planeamento, realização e avaliação) e à dimensão da atitude ético-profissional. Também será realizado o aprofundamento de um tema, analisando o processo de ensino-

aprendizagem dos jogos desportivos coletivos (Futebol, Andebol e Basquetebol), e a relação existente entre o transfere de aprendizagens e a similitude entre as habilidades motoras nas diferentes modalidades permitindo a sua abordagem simultânea com a possibilidade de recorrer a espaços polivalentes. No final será realizada uma síntese de todo o trabalho desenvolvido, apresentando as conclusões retiradas da realização do Estágio Pedagógico com um remate crítico e retrospectivo com retorno aos objetivos iniciais.

No fundo, pretende-se que seja capaz de desenvolver e aplicar competências específicas, através de um estágio de natureza curricular e produzir um relatório final revelador de espírito de investigação e originalidade, em domínios relacionados com a Educação Física.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO DA PRÁTICA DESENVOLVIDA

2.1. Objetivos e Expetativas Iniciais

Desde o início do ano letivo e conseqüentemente o início do Estágio Pedagógico, acreditei que seria um ano de aplicação e implicação, de enriquecimento e de crescimento, talvez um ano com algumas frustrações, mas acima de tudo, muitas alegrias e conquistas. Para Formosinho (2001), esta será uma *"fase de prática docente acompanhada, orientada e refletida, que serve para proporcionar ao futuro professor uma prática de desempenho docente global em contexto real que permita desenvolver as competências e atitudes necessárias para um desempenho consciente, responsável e eficaz"*. Havia chegado o momento de aplicar todos os conhecimentos adquiridos ao longo de vários anos e de ser confrontado com um ambiente desconhecido que teria de descobrir e ao qual teria de me adaptar.

No que diz respeito ao processo de ensino-aprendizagem as minhas expectativas prendem-se por assumir o total dever de contribuir para o desenvolvimento formativo e potenciar as capacidades dos alunos enquanto pessoas bio-psico-sociais, fazendo jus às suas necessidades e tentando, sempre que possível, direcionar o ensino tendo em conta as dificuldades de cada um, respeitando o princípio primordial da individualidade, revelando uma atitude de elevada responsabilidade social e de cidadania na orientação das atividades físico-desportivas, desenvolvendo competências que elevem a aptidão física, a qualidade de vida e a saúde, assim como, o gosto pela prática regular das atividades físicas dos alunos, promover a aquisição e consolidação de valores como o trabalho de equipa, solidariedade, competitividade saudável, ética desportiva, responsabilização pessoal e cooperação.

Do ponto de vista formativo, é da minha competência aplicar os conhecimentos adequados ao longo da formação inicial, em contexto de novas situações de e de resolução de problemas suscitados pelas mais diversas áreas da Educação Física. Sendo que, um dos aspetos fundamentais pelo qual me tentei guiar, foi em aprofundar e integrar conhecimentos, lidar com questões complexas,

desenvolver soluções e emitir juízos de informação, nos domínios da Educação Física.

A transmissão de conhecimentos e a forma de comunicação será feita de um modo claro e adequado, utilizando diversas formas de expressão (escrita, oral, corporal e emocional) em contexto específico da organização ou orientação das atividades letivas.

Quanto à interação com os demais professores existentes e restantes elementos do núcleo de estágio, é meu objetivo revelar um sentido de aprendizagem e de superação permanente, privilegiando a partilha da informação e assumindo comportamentos trabalho em equipa.

Todas estas competências são essenciais, no meu ponto de vista, para um desenvolvimento profissional e pessoal.

2.2. Caracterização da Escola

A freguesia de Oliveirinha dá casa à sede do Agrupamento de escolas, situada logo junto à Junta de Freguesia de Oliveirinha. A mesma é composta pelas localidades de Oliveirinha, Costa do Valado, Quintãs, Granja, Moita e São Bento, sendo que destes lugares, os últimos três não apresentam pré-escolar ou 1º ciclo pertencentes ao agrupamento, fato este devido à sua pouca densidade populacional e reduzida extensão territorial.

Os estabelecimentos de ensino do Agrupamento de Escolas de Oliveirinha integram-se numa zona essencialmente agrícola, sendo de referir, no entanto, a existência de algumas indústrias de metalomecânica, de transformação de madeiras, cerâmica e construção civil.

Dentro do meio populacional englobante do Agrupamento de Escolas de Oliveirinha, a sua principal ocupação encontra-se nos sectores secundário e terciário, apresentando-se a agricultura como forma suplementar de equilibrar o orçamento familiar.

Os alunos representantes do Agrupamento são oriundos de diversos estratos sociais, entre os quais, agregados familiares de origens humildes e mais carenciadas, com necessidades de vários níveis, desde o nível alimentar, passando

pelo afetivo, até ao nível sociocultural, onde se verifica uma maior carência, devido às suas características, não acompanham com a devida frequência o processo escolar dos educandos e não valorizam educação como seria de esperar.

No que respeita ainda aos pais e encarregados de educação, através das suas habilitações literárias, é possível verificar a variedade de estratos sociais, e uma enorme variação entre os mesmos, que pode ir desde um pai sem estudos, até um pai doutorado.

Como já foi dito anteriormente são referidos como graves constrangimentos, a baixa escolaridade dos pais e encarregados de educação, e a pouca participação e envolvimento na vida escolar dos alunos, que se vêm associados ao baixo nível cultural da maior parte das famílias.

Desde 1991/1992, ocupa as suas instalações atuais, situadas na rua Profª Justa Dias, em Oliveirinha. Trata-se de uma escola de tipologia EB 2.3 / 24, ou seja, destinada ao funcionamento do 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico, e com a capacidade prevista para 24 turmas, em regime de funcionamento normal.

A escola encontra-se em estado de conservação razoável em termos de instalações e no que diz respeito a fins curriculares existem 24 espaços, que se distribuem por Salas de Aula, Oficinas e Laboratórios, uma Biblioteca Escolar e uma Sala de Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC). A escola inclui também áreas descobertas de recreio e uma área desportiva com Pavilhão Gimnodesportivo.

Relativamente a instalações ditas complementares, existem espaços específicos para as funções de gestão e administrativas, nomeadamente, Gabinete da Direção Executiva, Secretaria, SASE, PBX, Refeitório, Bar, Reprografia e Papelaria. Existem ainda instalações gerais para o convívio de alunos, pessoal docente e não docente, Gabinete Médico, um gabinete para os Diretores de Turma e, ainda, um gabinete para a psicóloga.

2.2.1. Recursos Físicos de Educação Física

Os Recursos Físicos da Escola Básica Castro Matoso podem ser considerados bons e possibilitam lecionar as Unidades Didáticas rentabilizando tanto os espaços interiores como exteriores. Exteriormente a escola dispõe dum

polidesportivo de alcatrão com um campo principal de futsal/andebol, no qual ainda se desenham perpendicularmente dois campos reduzidos de basquetebol. Localizado ao lado deste polidesportivo principal, no exterior, ainda existe um campo de basquetebol/futsal/andebol. A estes recursos juntam-se a pista de atletismo que está à volta do polidesportivo e a caixa de areia.

Relativamente aos espaços interiores disponíveis, que estão inseridos num Pavilhão Gimnodesportivo recente (inaugurado em 2000) é possível destacar uma sala dos professores, balneários, arrecadação de material, ringue central para desportos, constituído por um campo de basquetebol/futsal/andebol e perpendicularmente a estes mais dois campos reduzidos de basquetebol, marcações para um campo e voleibol e dois de Badminton. O pavilhão ainda tem um Ginásio para lecionar as matérias de ginástica (solo e aparelhos) e dança.

Os espaços acima referidos estão numerados de 1 a 4, onde o espaço 1 é relativo ao espaço interior do pavilhão gimnodesportivo, o espaço 2 ao ginásio, o 3 ao polidesportivo exterior e ainda o espaço 4 relativo ao campo mais pequeno que está ao lado do polidesportivo principal do exterior.

2.3. Grupo de Educação Física

O grupo de Educação Física é parte integrante do departamento de expressões sendo composto pelos professores de 2º ciclo José Carlos (leciona também a opção de Dança), Lúcia Rocha (coordenadora do Desporto Escolar) e Paula Dias e os professores do 3º ciclo Fernando Leite (professor orientador de estágio) e José Teixeira. Juntamente a este conjunto de professores do grupo de Educação Física há a acrescentar o Núcleo de Estágio de Educação Física composto pelos professores estagiários Diogo Moreira, João Domingos, João Teles e Sérgio Pedro.

2.4. Turma

Do ponto de vista das relações humanistas, as atividades que promovam situações de relação entre o professor e o aluno, para melhor conhecimento de ambos, devem ser consideradas positivas e o estudo que foi feito no início do ano letivo, visou um melhor conhecimento da turma que lecionei, encontrando-se inserido nessa lógica. Um conhecimento aprofundado da realidade de cada aluno é fundamental para um melhor desempenho da docência em respeito pela individualidade de cada um e as suas características únicas e tão pessoais.

A estrutura do estudo aborda a identificação dos alunos, do agregado familiar, do Encarregado de Educação, informações sobre a habitação, meio de transporte para efetuar o percurso Casa-Escola, a alimentação, saúde, a relação Aluno/Escola, como organizam os seus tempos livres na escola e em casa e no caso específico da Educação Física os seus dados relativos ao desempenho desportivo e à própria aula de Educação Física com interesse sobre os seus gostos.

Com os dados recolhidos, através do preenchimento da Ficha Individual do Aluno foi então realizada a análise dos dados obtidos e a interpretação desses mesmos dados. Realizada a interpretação dos dados e retiradas as devidas conclusões foi minha intenção idealizar um conjunto de estratégias que permitissem uma intervenção eficaz na resolução de problemas que, eventualmente, pudessem ser identificados. Outro dos pontos que a elaboração de estratégias teve em conta foi a criação de “laços” de maior cumplicidade entre os alunos que lhes permitissem vencer alguns “atritos” ou “incompreensões” iniciais que prejudiquem o bom funcionamento das aulas ou o bom relacionamento da turma e permitisse que facilmente trabalhassem em união de esforços.

A turma é composta por um total de 27 alunos dos quais 12 pertencem ao género feminino e 15 ao género masculino, com idades compreendidas no intervalo dos 13 aos 16 anos. Convém referir que da totalidade dos alunos que compõem a turma, três dos alunos têm necessidades educativas especiais, dois do género masculino e um do género feminino.

As principais conclusões retiradas acerca da caracterização da Turma são as seguintes:

- Ao nível do agregado familiar, destacam-se as famílias com os dois pais e irmãos, com uma maioria de agregados a apresentar três elementos para além do aluno;
- Os encarregados de educação dos alunos são em grande parte jovens, na casa dos 30 aos 40 anos e com um nível de habilitações académicas até ao 2º Ciclo de Estudos;
- A distância Casa-Escola é em geral percorrida em transportes públicos ou familiares com os alunos a demorar em média 0-30 minutos nesse percurso;
- Em termos de alimentação os alunos consomem na maioria 5 refeições diárias, numa alimentação variada e saudável, acompanhada por vezes de refrigerantes.
- A saúde dos alunos é boa apenas com quatro casos de toma de medicamentos, contudo todos os alunos estão presentes e ativos durante as aulas de Educação Física.
- Educação Física foi identificada como a disciplina preferida da maioria e o Inglês aquela em que menos gostam;
- Os tempos livres dos alunos são principalmente preenchidos com atividades como ver televisão e ouvir música.

3. DESCRIÇÃO E ANÁLISE REFLEXIVA SOBRE AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

3.1. Planeamento

O planeamento é um instrumento didático-metodológico fundamental para que o processo ensino-aprendizagem se desenvolva e concretize, tratando-se pois, de um método de previsão, organização e orientação desse processo. “*O Planeamento é um instrumento facilitador de decisões a serem tomadas pelo professor, sendo que os objetivos principais serão a previsão, a racionalização e a eficácia do processo de ensino.*” (Sousa, 1991).

Assim, para que o planeamento possa contemplar todos os aspetos e tenha validade, é necessário ter em conta as condições pessoais, sociais, materiais e locais, para se atingir todos os domínios da personalidade dos alunos.

“*A planificação deve ser entendida como um instrumento metodológico para designar duas coisas distintas, por um lado o caminho a percorrer (estratégias), por outro a meta a alcançar (objetivos).*” (Bento, J. 1988).

3.1.1. Plano Anual de Turma

Os primeiros momentos de tomada de decisão reportaram-se ao momento de elaboração do Plano Anual de Turma.

Dado que num curto espaço de tempo era necessário planejar os momentos de avaliação diagnóstica, criar as fichas tipo com caracterização do núcleo de estágio (planos de aula, registo de sumários, ficha de presenças, extensão e sequência de conteúdos, entre outros), realizar o inventário de material, caracterizar a escola e a turma, entre outros, o início da fase de planeamento foi algo caótico e em certos momentos demasiado rigoroso para alguém sem experiência no meio escolar e no ensino da Educação Física. É importante também salientar que algumas destas tarefas foram comuns a todos os elementos do Núcleo de Estágio e alguns destes documentos foram produzidos pelo grupo, enquanto a recolha de

informações e posterior tratamento de dados relativamente à turma foi feita individualmente.

Todo o trabalho burocrático acima descrito, apesar de intenso, permitiu, juntamente com documentos como o Plano Anual de Educação Física, Projeto Educativo de Escola, roulement e ainda a realização da caracterização de turma, realizar o Plano Anual de Turma, respeitante à turma do 9ºA e à disciplina de Educação Física.

O planeamento anual efetuado foi de extrema importância como guia orientador de todo o processo de ensino, facilitando a organização e tomada de decisões do conteúdo das aulas a lecionar, ajudando o estagiário a seguir uma linha de ensino, que lhe é dada pela sua relação com a turma e o nível em que esta se insere.

Assim como principal objetivo, o planeamento, deve servir como um guia, onde o estagiário deverá delinear as suas linhas estratégicas, distribuindo as matérias (Unidades Didáticas) pelos vários períodos levando assim a uma visão global da sua prática docente.

3.1.2. Unidades Didáticas

Para Aranha (2004) *“Antes de se dar início à leção tem de se fazer o planeamento da atividade. Em Educação Física, a cada bloco ou conjunto de aulas, de cada atividade física ou modalidade desportiva, chama-se Unidade de Ensino. A esta corresponde um programa específico, ao qual se chama Unidade Didática.”*

Através do planeamento das Unidades Didáticas definimos a orientação que vamos dar aos vários planos de aula, dando-lhes uma sequência progressiva e significativa, garantindo-se, desta forma, uma coerência e uma continuidade do processo ensino-aprendizagem.

O facto dos elementos básicos do processo serem definidos anteriormente, permite-nos maior disponibilidade e liberdade para tomar decisões face aos problemas que acontecem quotidianamente, principalmente aqueles relacionados com a interação pedagógica professor-alunos e alunos-matéria.

Em reunião com o professor orientador Fernando Leite, ficou decidido que, em virtude de as turmas serem diferentes e portanto revelarem níveis de prestação e necessidades diferentes, o planeamento das Unidades Didáticas necessitava de ser ajustado e adaptado à realidade existente de cada turma assim como tendo em conta os espaços disponíveis. No entanto, e sempre que achámos necessário, confrontámos opiniões e conceitos com os elementos do Núcleo de Estágio.

É verdade que este processo implicou um esforço acrescido, por parte de cada um de nós, mas o facto de estarmos conscientes de que estávamos no caminho certo, ministrava-nos força para continuarmos.

O planeamento das Unidades Didáticas foi efetuado, tendo sempre como base uma avaliação diagnóstica, ou seja, através da observação e registo da prestação motora inicial dos alunos.

A análise das prestações observadas, permitiram encontrar com maior exatidão o ponto de partida para uma ajustada abordagem da respetiva Unidade Didática, adequando-se os objetivos, os conteúdos e as estratégias ao nível motor do aluno procedendo-se, se necessário, à formação de diferentes grupos de aprendizagem.

Todo o processo envolvente na elaboração das Unidades Didáticas manifestou-se necessário e imprescindível para a conquista de uma sequência lógica e progressiva dos objetivos e conteúdos ao longo das aulas.

Todas as unidades didáticas foram elaboradas tendo em conta os recursos materiais e humanos existentes e disponíveis, a turma a que se destinava, o seu nível de prestação inicial e o planeamento anual da educação física previamente definido pelo grupo de educação física.

A abordagem dos diferentes conteúdos teve em conta as quatro funções didáticas e os momentos onde estas aparecem: a introdução, a exercitação, a consolidação e a avaliação.

A quando da realização desta tarefa, tive a preocupação de proporcionar aos alunos uma progressão na aprendizagem, possibilitando vivências de êxito e a utilização de diversas formas de trabalho que variaram de acordo com as características da atividade em causa. Recorrendo ao trabalho em grupo, individual e principalmente de formas jogadas facilitando a compreensão do seu objetivo e regras.

O conteúdo das aulas terá de se limitar ao espaço em que estas estão a decorrer. Por esta razão houve necessidade de interromper modalidades e dar lhes continuidade passado algum tempo, isto devido as rotações de espaços obrigatórias.

3.1.3. Planos de Aula

“As aulas da Unidade Didática devem corresponder ao que foi planeado na U.D., constituindo uma sequência lógica e contínua, de modo a garantir a consecução dos objetivos pré-definidos da U.D., devendo cada aula ser previamente planeada, de acordo com as aulas antecedentes e dando continuidade às que se seguem. A este plano chama-se Plano de Aula.” (Aranha, 2004)

O modelo de plano de aula foi elaborado pelo Núcleo de Estágio em reunião com o Orientador, onde foi feita a referência a vários elementos do currículo: objetivos de aula, descrição das tarefas e respetivos objetivos específicos, tempo de cada parte da sessão e de cada tarefa, estratégias de organização, objetivos comportamentais e critérios de êxito de cada tarefa.

O plano de aula constitui a parte do processo de ensino, onde o trabalho individual de cada estagiário se nota de forma inequívoca.

A preparação de uma aula necessita de uma base de reflexão muito grande e cuidada, deve constituir-se como o ponto de partida para toda a atividade, mas sempre sujeita a adaptações e ajustamentos. Só através desta reflexão antecipada sobre os objetivos, conteúdos e metodologias, é que se poderá realizar um trabalho regular e consciente na formação dos nossos alunos.

3.2. Realização

As técnicas de intervenção pedagógica prendem-se com um vasto número de destrezas que o professor deve dominar e desenrolam-se em quatro dimensões: instrução, gestão, disciplina e clima (Siedentop, 1983).

As destrezas que compõem estas dimensões interrelacionam-se, não devendo, por isso, ser entendidas cada uma por si, mas sim como um conjunto sólido que quando corretamente dominado permite ao professor a prática de um ensino mais eficaz.

3.2.1. Instrução

No que diz respeito à dimensão instrução, segundo Aranha (2004), *“esta refere-se aos comportamentos do professor, que se relacionam diretamente com os objetivos de aprendizagem, visando a comunicação de informação sobre a matéria de ensino, tais como preleção, explicação, demonstração e feedback.”*

Esta dimensão tem por âmbito, todos os comportamentos e destrezas técnicas de ensino que fazem parte do repertório do professor para comunicar informação pertinente.

A transmissão de informação é muito importante, pois exerce grande influência na resposta motora do aluno. Penso que com o desenrolar das aulas, a informação se tornou mais objetiva e os pontos-chave para cada exercício mais nítidos. Desta forma, foi da minha preocupação clarificar os processos de organização e da transmissão da informação deixando assim mais tempo disponível para o tempo de empenhamento motor, evitando também longas dissertações que poderiam consumir demasiado tempo e gerar aborrecimento, comportamentos de desatenção e indisciplina por parte dos alunos, *“não confundindo muitas vezes o fundamental do acessório”* (Sarmiento et al., 2001).

Relativamente à condução da aula, foram muitas as vezes que utilizei os alunos como agentes de ensino, principalmente delegando algumas funções do professor a um ou a um grupo de alunos ganhando uma maior liberdade para alguns aspetos da sessão mais importantes. De uma forma geral, também podemos dizer

que “os alunos podem, com vantagens próprias acrescidas, efetuar demonstrações, fornecer *feedbacks* e participar na gestão e organização da classe” (Sarmiento et al., 2001). Pois bem, este aspeto não foi deixado ao acaso, e foram muitos os casos em que o recurso aos alunos para realizar a demonstração de um determinado elemento técnico ou tarefa, perante a turma, se fez de forma eficaz, quer para aumentar a aquisição por parte dos alunos de alguns aspetos mais importantes, quer para evidenciar alguns dos erros mais comuns

Outro dos meios auxiliares de ensino que podem ser evidenciados e que foi utilizado sempre que possível, é a utilização de esquemas representativos das tarefas propostas para uma mais fácil interpretação por parte dos alunos.

Quanto à qualidade dos *feedbacks*, ou seja, “a informação de retorno em função de um comportamento observado” (Sarmiento et al., 2001), podemos afirmar que uma informação frequente acerca do estado do aluno, uma reação prescritiva e descritiva com um carácter auditivo-visual poderá ser um dos critérios de maior sucesso para o professor, contribuindo para a eficácia do ensino. Sendo assim, foi minha intenção produzir uma maior quantidade de *feedbacks* que traduzissem elogio (salientar os aspetos corretos e desenvolver a motivação da aprendizagem), em detrimento dos *feedbacks* de negação ou desaprovação (realça os erros demonstrados e podem criar situações emocionais pouco próprias à aprendizagem).

Para concluir este ponto, tanto na fase inicial, fundamental ou final, a utilização de questões ou perguntas aos alunos contribuiu para controlar a aquisição de conhecimentos por parte dos alunos, desenvolvendo assim a capacidade de reflexão, melhorar a motivação e o clima da sessão.

3.2.2. Gestão

Entende-se por gestão “o conjunto de comportamentos que regulam o comportamento dos jovens, os tempos, as tarefas a realizar, os espaços e os materiais” (Sarmiento et al., 2001).

Sabemos que os ganhos de aprendizagem estão intimamente dependentes do tempo passado na tarefa (Pieron, 1998), bem como a quantidade máxima de tempo de atividade motora passada em atividades específicas (Siedentop, 1983),

pelo que, tem sentido que se aproveite racionalmente os tempos disponíveis para as atividades planeadas, de tal modo que se retire delas o máximo proveito. Neste campo, o meu objetivo principal prendeu-se pelo fato de minimizar ao máximo os tempos dedicados a deslocações, a arrumação de materiais, a fornecer informação, a controlar presenças, etc. Desta forma, também os espaços onde seriam lecionadas as aulas, até no caso de ser mais do que um na mesma aula, sempre foram preparados previamente, diminuindo assim alguns episódios de gestão durante as mesmas.

Relativamente à transição entre tarefas, este revelou-se um dilema já que a turma era constituída por um elevado número de alunos, levando, por vezes, ao aumento do tempo de organização da classe. Por este aspeto, um dos pontos fundamentais, e que contribuiu para o sucesso da prática pedagógica foi o planeamento da estrutura organizativa da aula e da turma, quer fosse em grupos, estações ou individualmente.

Para finalizar, convém referir que desde o início do ano letivo foram criadas rotinas que permaneceram até ao 3.º período, de forma a mobilizar rapidamente os alunos para a tarefa seguinte ou para realizar a chamada dos alunos, de modo a não consumir muito tempo útil de aula, ou, em alternativa, consumir o menos tempo possível.

3.2.3. Clima/Disciplina

Para Aranha (2004), a disciplina refere-se ao *“conjunto de comportamentos do professor que visam a modificação de condutas inapropriadas em condutas úteis e produtivas (apropriadas).”* Já no que diz respeito ao clima, a mesma autora refere-se a ele como sendo o *“conjunto de comportamentos do professor, que se relacionam diretamente com as interações pessoais e as relações humanas, visando um clima de aula positivo.”* Desta forma, podemos considerar que estes dois temas estão intimamente ligados.

Se pensarmos que o controlo da classe passa, necessariamente, por um conjunto de condições relacionais que intensifiquem a manutenção dos

comportamentos apropriados, fácil se toma entender que estes dois temas incluam aspetos da forma de estar e da interação entre grupos.

Siedentop (1983), define dois tipos de comportamento inapropriados: “*comportamentos fora da tarefa*” e “*comportamentos de desvio*”. Apresenta igualmente três estratégias básicas no desenvolvimento e manutenção de comportamento apropriados: “*clarificação de regras*”, “*motivação do comportamento apropriado em interações positivas*” e “*ignorância de comportamentos inapropriados de menos importância*”. Estas três estratégias evidenciadas foram tidas em conta e, de certa forma, auxiliou-me na adequação do meu comportamento ao comportamento dos alunos.

Este processo foi bastante trabalhoso e embora a turma não manifestasse um grande número de comportamentos desajustados e de desrespeito pelas regras manteve sempre uma forte ação de controlo da turma.

3.2.4. Decisões de Ajustamento

Ao longo do ano letivo foram realizadas várias tarefas ao nível do planeamento, contudo, estas sempre se revelaram flexíveis constituindo apenas uma linha orientadora, cabendo ao professor ter uma capacidade de decisão e improviso, no sentido de colmatar as contrariedades que vão surgindo ao longo da sua intervenção pedagógica, existindo, por diversas vezes, um conjunto de fatores que influenciaram este planeamento, e que conduziram a ajustamentos do que foi previamente definido.

No que se refere às planificações de médio e longo prazo, nomeadamente o planeamento anual, houve necessidade de tomar decisões de ajustamento, pelo fato de ao longo do ano letivo terem ocorrido algumas situações imprevistas, como por exemplo as greves gerais, as visitas de estudo, atividades escolares e também as condições climatéricas, alterando consideravelmente o número de aulas que estavam previstas para cada período. Desta forma, este fator também influenciou o número de aulas previstas para cada Unidade Didática, exigindo uma alteração nas suas extensões e sequência de conteúdos, onde por vezes, foi necessário dar prioridade a alguns aspetos mais importantes na abordagem a cada modalidade.

Quanto à preparação de uma aula, ela necessita de ter uma estrutura cuidada, constituindo um guia perfeito para a ação do professor, mas sempre sujeito a adaptações e ajustamentos. Assim, no decorrer de algumas aulas, perante imprevistos ou lacunas detetadas, foi necessário tomar decisões de ajustamento, as quais revelaram não só capacidade de decisão e improviso, mas também o ajustamento das situações sem perder de vista os objetivos definidos para cada aula.

Para concluir, convém salientar que os ajustamentos também foram realizados, quer ao nível da própria estrutura do plano de aula e respetivos relatórios, como também foi alterada a estrutura das fichas de observação dos restantes elementos do Núcleo de Estágio, pois a capacidade de refletir acerca de todos estes aspetos levou à necessidade de agilizar métodos e procedimentos de forma a garantir a abordagem de todos os pontos considerados essenciais e protagonizando uma reflexão mais concreta e eficaz acerca da intervenção pedagógica.

3.3. Avaliação

De acordo com Ketele (1981 cit. por Nobre, 2009), a avaliação é *“o ato de examinar o grau de adequação entre um conjunto de informações e um conjunto de critérios, adequados a um objetivo previamente fixado, com vista a uma tomada de decisão.”*

A avaliação do ensino reveste-se de grande importância no desenvolvimento de toda a ação educativa, na medida em que, conjuntamente com o planeamento e a realização do ensino, constituem tarefas centrais da atividade de qualquer professor.

O professor tem que avaliar continuamente o seu processo, através dos resultados verificados no progresso do aluno. Logo, é importante que se definam objetivos sem que estes sejam demasiado ambiciosos ou irrealistas. A valorização dada ao aluno é fundamental para a sua progressão.

Tanto no professor como no do aluno, tudo o que é planeado e realizado, deve ser analisado e avaliado. O professor deverá não só avaliar a prestação do seu aluno

como também a sua, ou seja, deve-se avaliar não só a aprendizagem como também o ensino. Só assim se pode tornar o processo ensino-aprendizagem mais eficaz.

Durante o ano tentei controlar a minha atividade e a do aluno de modo a possibilitar o ajustamento das estratégias de ensino ao ritmo de aprendizagem do aluno. Sem trabalho de reflexão suficientemente aprofundado não seria possível avaliar os alunos. As exigências de uma avaliação objetiva e credenciada em Educação Física implicam a avaliação e, posterior quantificação, de um grande número de capacidades, qualidades, atitudes e conhecimentos, reclamando técnicas apuradas. Como avaliar? Quando avaliar? Que avaliar? São as questões primordiais mais evidentes com o novo sistema de avaliação.

3.3.1. Diagnóstica

A avaliação foi inicial realizada no início do ano letivo, sendo a primeira etapa das atividades e surge com o objetivo de orientar todo o Processo de Ensino-aprendizagem.

Segundo o despacho normativo nº 1/2005, de 5 de Janeiro: *“A avaliação diagnóstica realiza-se no início de cada ano de escolaridade, devendo articular-se com estratégias de diferenciação pedagógica, de superação de eventuais dificuldades dos alunos, de facilitação da sua integração escolar e de apoio à orientação escolar e vocacional.”*

Considera-se então que, avaliação diagnóstica é a modalidade de avaliação que verifica se o aluno adquiriu as aprendizagens anteriores necessárias para que novas possam acontecer (avaliação dos pré-requisitos) e também se já têm conhecimentos da matéria que vai ser lecionada, ou seja, que aprendizagens das que se pretendem são já dominadas pelos alunos (avaliação dos níveis de entrada).

Esta avaliação pode ocorrer em qualquer momento do ano letivo quando articulada com a avaliação formativa. Embora se deva realizar em duas etapas, uma primeira no início do ano letivo (período de avaliação inicial), de forma a calendarizar e organizar as Unidades Didáticas de acordo com as necessidades dos alunos, e uma segunda no decorrer do ano letivo sempre que se iniciar uma nova UD, ela apenas foi realizada na fase inicial, pois devido ao extenso leque de modalidades

que deveriam ser lecionadas seriam necessárias muitas aulas, no seu conjunto total, para realizar as respectivas avaliações diagnósticas antes de cada UD.

Segundo as autoras, Cortesão & Torres, (1990), os objetivos desta avaliação são:

- Fornecer informação sobre as aptidões, competência, interesses e outras qualidades do aluno;
- Predizer o grau de êxito em futuras atividades;
- Selecionar ou admitir para um programa de estudos;
- Orienta para uma sequência dum programa de estudos.
- Possibilitar a adoção de estratégias de diferenciação pedagógica, contribuindo assim para elaboração, adequação e reformulação do projeto curricular de turma.

Compreendemos a necessidade e importância de caracterizar a turma com que iremos trabalhar, e conseqüentemente avaliar. Assim devemos conhecer a sua constituição quanto ao seu número de alunos, entre rapazes e raparigas, as suas idades, bem como o seu percurso escolar percebendo se já foram retidos em anos anteriores. É com estes elementos e ainda com a avaliação inicial da turma, que constituiremos uma base específica e fundamental para apresentar as áreas de intervenção prioritária, os objetivos, a temporização, participação, critérios de sucesso de processo e de produto assim como o programa de avaliação. Em função da análise dos dados recolhidos, em cima referidos, foi possível estabelecer os diferentes níveis de objetivos e competências, expressos em torno da tríade conhecimentos, atitudes e comportamento motor.

Como instrumentos de avaliação diagnóstica foi utilizada uma grelha de registo que apresentava a totalidade dos alunos constituintes da turma numa tabela que continha também os elementos técnicos e/ou táticos que seriam avaliados durante a aula de avaliação diagnóstica, sendo os alunos avaliados pelo seu desempenho em três níveis, não realiza/realiza com muitas dificuldades, realiza e realiza bem. A construção desta grelha teve como base os critérios de êxito definidos para cada nível, presentes no Programa Nacional de Educação Física do 3º ciclo. Esta avaliação diagnóstica pressupõe a avaliação do domínio Psicomotor, encontrando-se incluída a técnica individual, visto que nesta fase se pretende

averiguar a posição do aluno relativamente a aprendizagens anteriores, bem como determinar os pré-requisitos necessários que servem de base para adquirir novas aprendizagens.

3.3.2. Formativa

Esta avaliação, assume carácter contínuo e sistemático, recorrendo a uma variedade de instrumentos de recolha de informação, de acordo com a natureza das aprendizagens e dos contextos em que ocorrem, sendo da responsabilidade de cada professor, em diálogo com os alunos e em colaboração com os outros professores e, ainda, sempre que necessário com os respetivos serviços especializados de apoio educativo e os Encarregados de Educação.

A avaliação formativa compreende as seguintes etapas:

1. Recolha de informações relativas a dificuldades e/ou progressos dos alunos;
2. Interpretação dessas informações com referência a um critério, diagnosticando fatores que estão na origem das dificuldades de aprendizagem dos alunos;
3. Adaptação das atividades de ensino e aprendizagem de acordo com a interpretação das informações recolhidas.

Com esta função avaliativa pretende-se adaptar a ação pedagógica aos progressos e dificuldades na aprendizagem dos alunos, constituindo-se numa referência fundamental para o processo de ensino e aprendizagem.

Devem ainda ser utilizadas duas formas diferentes de concretizar esta avaliação (Allal, 1989; e Carvalho, 1994):

- Avaliação contínua ou informal, que deverá decorrer ao longo de todas as aulas como resultado da interação entre o professor e os alunos, onde o feedback pedagógico assume um papel de extrema importância na orientação individualizada do processo de aprendizagem. Assim, através de uma regulação interativa onde a identificação das dificuldades, e através da observação e a determinação dos fatores que estão na origem das mesmas, irão permitir um procedimento de adaptação das

tarefas de forma a se proceder ao ajuste do processo às necessidades de desenvolvimento dos alunos;

- Avaliação formativa formal e pontual, que deverá decorrer na terceira aula de abordagem de cada conteúdo, onde se procederá a um balanço da atividade realizada. Esta modalidade de avaliação deve concretizar-se através da realização de uma prova de desempenho, de forma a ratificar a avaliação contínua, permitindo acalantar os resultados do desempenho dos alunos relativamente aos objetivos definidos, de modo a orientar o professor e os alunos na tomada de decisões para a regulação retroativa do processo de ensino e aprendizagem.

A eficácia desta função avaliativa passa pelo cumprimento de pressupostos como:

- O rigor da observação passa pela seleção dos aspetos de aprendizagem que se pretendem observar e que se encontram previamente definidos;

- As situações de avaliação serão semelhantes às decorrentes das tarefas realizadas durante as aulas da unidade didática, favorecendo o clima de aula;

- Será privilegiado o trabalho em circuito por estações, para observar o definido como objeto de avaliação;

- As situações de avaliação permitirão avaliar as competências em mais do que um nível de aprendizagem;

- Os procedimentos de recolha e registo serão de simples anotação e fornecerão informações importantes relativamente ao desempenho dos alunos.

Segundo as autoras, Cortesão & Torres (1990), os objetivos desta avaliação são:

- Determinar o domínio de pré-requisitos;
- Fornecer ao professor e aluno um feedback respeitante ao progresso do aluno;
- Determinar onde e porquê o aluno fracassou;
- Adaptar as atividades de ensino/aprendizagem em função dos dados escolhidos.

A Avaliação Formativa assume um carácter contínuo durante o decorrer da Unidade Didática, não tendo um peso quantitativo, mas sim, qualitativo, ou seja,

expressa a qualidade que o aluno apresenta no desempenho das suas ações, nas suas atitudes e nos conhecimentos demonstrados. Assim sendo, sensivelmente a meio de cada Unidade Didática, foi planificada uma aula específica para realizar uma avaliação formativa pontual, com exercícios específicos que permitissem observar quais os erros mais comuns que os alunos apresentavam nos mais diversos elementos técnicos e táticos, sem nunca perder os objetivos da aula, onde posteriormente foi preenchida uma grelha com o objetivo de registar todos esses dados, obtendo assim um panorama geral da turma.

Em suma, esta avaliação permite ao professor observar o desenvolvimento das competências adquiridas ao longo das aulas, de modo a permitir deteção de insuficiências na aprendizagem dos alunos e posterior correção na elaboração dos planos de aula e na intervenção do professor no decorrer da aula. Permite também pelo contrário, identificar os alunos que, pelo seu desempenho possuem requisitos para trabalhar a um nível mais elevado, tendo o professor o papel de reajustar o processo de Ensino-aprendizagem. Este acompanhamento no decorrer da unidade didática permite uma maior individualização do processo de Ensino-aprendizagem e um aumento da qualidade dos feedbacks fornecidos. Os alunos deverão ter conhecimento da sua avaliação de forma a, autonomamente, identificarem as suas insuficiências e êxitos, corrigindo os seus erros e desenvolver e melhorar as suas competências mais rapidamente. Este tipo de avaliação realizada de forma sistemática facilita em grande escala o trabalho do professor no decorrer da avaliação sumativa, planeada para a última aula da unidade didática, podendo desta forma o professor focar a sua atenção para os principais critérios em que o aluno no decorrer das aulas apresentou maiores dificuldades, observando, desta forma, a existência de progressão.

3.3.3. Teórica

A avaliação teórica foi realizada para avaliação do domínio cognitivo relacionado com cada Unidade Didática.

O domínio cognitivo diz respeito às aptidões intelectuais. Segundo Rosado (2002), este domínio deve realizar-se com referência nos conhecimentos previstos

no programa relativos às matérias. O aluno quando solicitado através de questionário oral e/ou através da realização de um teste escrito, e/ou realização de trabalhos individuais ou de grupo que incidam sobre os aspetos referidos, deverá saber aplicar as medidas de segurança, as principais componentes críticas dos gestos técnicos transmitidos, regras de jogo e ser capaz de analisar a sua performance e a dos companheiros.

O instrumento escolhido para esta avaliação foi o teste teórico e a cada aluno foi atribuída uma nota quantitativa de 0% a 100% e um valor qualitativo de “Não Satisfaz” a “Satisfaz Muito Bem”. Além do teste teórico foram utilizados outros instrumentos de carácter formativo para avaliar o domínio cognitivo dos alunos, nomeadamente, os relatórios de aula para os alunos com falta de material e atestado médico e a elaboração de um trabalho individual, mais complexo, acerca das modalidades abordadas no respetivo período em que alguns alunos se encontravam com incapacidades ou limitações físicas para realizar as aulas práticas.

3.3.4. Sumativa

A avaliação sumativa consiste na formulação de um juízo globalizante sobre o desenvolvimento das aprendizagens do aluno e das competências definidas para cada disciplina e área curricular. Esta é uma avaliação que ocorre no final de cada Unidade Didática.

A avaliação sumativa encontra-se descrita no Decreto-Lei nº6/2001, de 18 de Janeiro: *"A avaliação sumativa consiste na formulação de uma síntese das informações recolhidas sobre o desenvolvimento das aprendizagens e competências definidas para cada área curricular e disciplina, no quadro do projeto curricular de turma respetivo, dando uma atenção especial à evolução do conjunto dessas aprendizagens e competências."*

A avaliação sumativa presta-se à classificação, mas não se esgota nela, nem se deve confundir com esta, podendo assumir uma expressão qualitativa e quantitativa. Deste modo, como complementaridade, prevê-se que esta avaliação inclua nas informações que fornece, elementos de carácter qualitativo e quantitativo (classificação).

As classificações, tendo um carácter seletivo, procedem à seriação dos alunos, atribuindo-lhes uma posição numa escala de valores, cumprindo desta forma os procedimentos presentes nos normativos e no regulamento interno da escola.

O tratamento dos dados recolhidos têm como objetivo, de acordo com uma avaliação criterial e qualitativa, valorizar o progresso realizado pelos alunos (individualmente e grupo/turma) face a um objetivo definido e à distância que o separa dele.

Desta forma definem-se ações de melhoria e correção do desenvolvimento e aprendizagens do aluno, turma, currículo ou ao processo ensino-aprendizagem.

Segundo as autoras, CORTESÃO, L., & TORRES, M., (1990), os objetivos desta avaliação são:

- Estabelecer um "balanço" do aproveitamento do aluno;
- Classificar os resultados obtidos na aprendizagem;
- Conferir certificados da competência do aluno (diploma, curso, nota, apreciação...)
- Colher dados que ajudam professores e alunos a orientar a sua atividade.

A avaliação sumativa foi realizada nas duas últimas aulas de cada Unidade Didática. No caso em que alguns alunos não puderem realizar a avaliação do domínio psicomotor, estando devidamente justificado, a sua avaliação basear-se-á nos registos anteriormente observados nas avaliações formativas.

Para avaliar os alunos, foi utilizada uma grelha que visa a recolha de informação respetiva ao domínio psicomotor. A construção da grelha de avaliação sumativa baseou-se nos conteúdos definidos pelo Programa Nacional de Educação Física do 3º Ciclo e no Plano Anual de Educação Física do 3º Ciclo da Escola Básica Castro Matoso. Este documento possuía um anexo em que constavam, tal como na avaliação diagnóstica, as componentes críticas dos elementos avaliados.

O aluno, na execução dos elementos técnicos ou táticos, foi avaliado numa escala de apreciação (1 a 5), como poderá ser visto em anexo.

3.3.5. Final

No final do primeiro e do segundo período, foi necessário produzir a avaliação relativa a cada um dos períodos. Para tal cumpri integralmente os critérios de avaliação definidos no Plano Anual de Educação Física da Escola Básica Castro Matoso. Todos os alunos que apresentaram justificação, sustentada por um atestado médico, em que não possam realizar a prática da Unidade Didática na totalidade ou em mais de 50% das aulas, serão alvo de uma avaliação diferenciada, sendo atribuída uma maior percentagem à parte cognitiva, eliminando a parte da avaliação do domínio psicomotor.

Os alunos que se apresentaram nesta situação, foram obrigados a assistir às aulas, embora não tenham intervenção direta, sendo obrigados a elaborar relatórios das aulas práticas. Esses relatórios foram alvo de avaliação, tendo um peso ao nível do domínio cognitivo. Outro dos indicadores utilizados para avaliar a componente cognitiva foi a elaboração de um trabalho individual acerca das modalidades abordadas no respetivo período e a realização dos testes teóricos de cada Unidade Didática, que tiveram um peso consideravelmente maior para estes alunos com atestado.

O registo e cálculo da avaliação final dos alunos permite ao professor informar os próprios alunos e os encarregados de educação sobre o estado de cumprimento do planeamento desta Unidade Didática, bem como justificar a tomada de decisão sobre a nota atribuída ao aluno.

É importante referir que a nota dos alunos nas Unidades Didáticas não foi necessariamente a nota do final do período letivo correspondente, pois esta foi também influenciada pelas outras Unidades Didáticas e por outros fatores (empenho, assiduidade, comportamento e aptidão física), fazendo corresponder a cada componente uma percentagem da nota final.

3.4. Atitude Ético-profissional

A dimensão ético-profissional tem uma importância fundamental no desenvolvimento do agir profissional do futuro professor. Nesse sentido foi uma grande preocupação da minha parte a integração no meio escolar, o relacionamento com pares e outros elementos da escola, bem como a elaboração de um trabalho de equipa e individual de qualidade e com respeito pelos restantes elementos do Núcleo de Estágio e pelo professor orientador Fernando Leite.

Em relação aos conhecimentos relacionados com a Educação Física, julgo ter apresentado um bom domínio da generalidade dos conteúdos e matérias, mesmo sabendo que é normal, em relação a algumas Unidades Didáticas, um domínio maior não só pela identificação com as mesmas mas também pela especialização feita durante a Licenciatura em algumas dessas modalidades. Esta é uma área do desempenho docente que se mantêm em permanente atualização e evolução sendo cada vez mais os conhecimentos que vou apreendendo de forma a melhorar o domínio dos conhecimentos específicos relacionados com a função de docente num futuro que se espera próximo. Para esta evolução contínua, fui contando com as interações diretas que fui estabelecendo com os restantes elementos do grupo de Educação Física, núcleo de estágio e orientador e também a diretora de turma e outros professores que não sendo da área têm uma grande experiência ao nível da docência e me transmitiram informações preciosas sobre a ação da docência, principalmente ao nível do relacionamento com atores como funcionários e encarregados de educação mas também no exercício de funções como a direção de turma, coordenação de grupos disciplinares, etc.

Outra preocupação que foi transversal a todo o ano letivo e que assume vital importância é a autoformação, principalmente ao nível do planeamento. O planeamento de aulas, avaliações entre outros foi um grande desafio na fase inicial do ano letivo e a procura de informação cientificamente adequada tanto de forma individual como em grupo foi muito importante para que o ano letivo não fosse condicionado por possíveis erros cometidos na fase inicial da ação de estágio. Nesse sentido, e com a realização dos diversos trabalhos de estágio, como a análise

das avaliações, preparação de aulas e suas reflexões, a aprendizagem foi-se fortalecendo e realizando de forma contínua.

Um aspeto bastante positivo e que contribuí para a integração do Núcleo de Estágio de Educação Física, foi a realização das atividades relativamente à unidade curricular de Projeto e Parcerias Educativas perspectivada para o 4º semestre. Procurámos desde sempre estabelecer uma conexão entre todas as partes integrantes da Escola Básica Casto Matoso, nomeadamente, os funcionários, professores, alunos e a própria direção. Tudo revelou-se fundamental para criar algum impacto junto da comunidade escolar e para que as atividades fossem concretizadas com o maior êxito.

O trabalho em equipa realizado com o restante núcleo de estágio foi bastante positivo e é fruto de uma completa cooperação entre todos nós, o que nos levou a realizar a distribuição de tarefas, cumprindo sempre os prazos estipulados para realização de tarefas de estágio, mas também para nos auxiliar uns aos outros na análise das aulas de cada um e na preparação das mesmas mantendo sempre um contacto próximo mesmo fora da escola. Nesse sentido, e a título pessoal, considero que durante o ano letivo sempre cumpro com as minhas tarefas de grupo demonstrando responsabilidade na realização das mesmas e sempre procurando inovar e melhorar, não só a minha ação, como a do Núcleo de Estágio.

4. ENSINO-APRENDIZAGEM

O processo de Ensino-aprendizagem caracteriza-se pela existência de uma relação pedagógica de interdependência e influência recíproca e define-se como sendo a interação que se estabelece entre o professor e os alunos, em que o primeiro assume a responsabilidade da direção, da sistematização e da estruturação dos conteúdos e das estratégias de ensino a utilizar, enquanto ao segundo cabe a tarefa de se apropriar dos conteúdos de forma ativa e criadora (participativa e empenhada), sob a concretização de experiências de aprendizagem, que vividas e conceptualizadas, operarão as necessárias e desejáveis modificações comportamentais. Assim sendo, Aranha (2005), defende que o processo de Ensino-aprendizagem é a *“apropriação ou modificação de comportamento (motores ou cognitivos) ou vontades (socio-culturais, socio-afetivas) alcançada pelos alunos de acordo com os objetivos previamente definidos pelo professor.”*

4.1. Aprendizagens Realizadas

Penso que as principais aprendizagens inerentes ao estágio se verificaram na minha intervenção pedagógica, foi de facto aqui que sofri maior evolução. Consegui melhorias aos diversos níveis, facto que me parece natural mas mesmo assim extremamente positivo visto que me permitirá encarar a vida profissional com outra maturidade. Sinto-me de facto bastante preparado para encarar a vida profissional como docente, muito mais do que me sentia no início deste ano de estágio.

Penso também que uma das nossas maiores aprendizagens foi ao nível da capacidade de planear e estruturar exercícios adequados ao nível dos alunos. Procurando desta forma que os exercícios fossem sempre de encontro aos objetivos que pretendíamos atingir e que o grau de complexidade se ajustasse às características dos alunos.

A afetividade e proximidade relacional entre professor e alunos está totalmente inserida no meio escolar e não será menos importante que a educação do corpo e da mente.

Assim, considerei que a primeira impressão que os alunos teriam de mim seria determinante para a continuidade do ano letivo. Apresentei-me como um professor acessível, que respeitava os alunos, o que eram e o que sabiam.

Afigurei-me um professor desataviado e disponível para o diálogo fora do espaço de aula. Esta proximidade era importante para conseguir cativar os alunos para a aula, pois, como diz Freire (1996), “*o bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até à intimidade do movimento do seu pensamento*”. Para isso acontecer, professor e aluno devem ter uma boa relação e existir um compromisso de ambas as partes com o processo de ensino-aprendizagem.

Permitiu-me também desenvolver a capacidade de relacionamento com os alunos, verificando-se que o controlo da turma é muito efetivo e saudável, pois consigo gerir o clima da aula com muita facilidade.

Ao nível das atividades penso que também contribuíram para a formação do professor estagiário, visto que, pela primeira vez estive na organização de eventos desportivos em contexto escolar embora de baixo nível de complexidade. Para além de toda a aprendizagem que se verificou quer no planeamento, quer na consecução como também no balanço, as atividades demonstraram-se também como um meio excelente para fortalecer a relação com os alunos e com a escola.

O trabalho no desporto escolar foi aquele que me despertou maior curiosidade inicial visto não ter noção do que se pretendia, assim como qual a melhor forma de atuação nesta função. Conheci e vivi uma realidade diferente visto que todos os alunos participantes do desporto escolar se lá encontram por vontade própria e por gosto pela modalidade e pela melhoria na modalidade em questão, o que torna a transmissão de conhecimento e o controlo do treino muito simples. O conhecimento adquirido relativamente às funções do diretor de turma também foi muito importante. A noção e o conhecimento do funcionamento de alguns processos ligados ao diretor de turma foram adquiridos.

De salientar, é o facto da minha improvisação e decisões de ajustamento ter aumentado com o decorrer do ano letivo. As diferentes formas de agir e de pensar por parte dos alunos aliadas à imprevisibilidade das situações que foram surgindo, exigiram, da minha parte, uma grande flexibilidade.

4.2. Aprendizagens dos Alunos

Durante todo o processo de Ensino-aprendizagem assumi um compromisso com as aprendizagens dos alunos. Para além do compromisso em melhorar a condição física dos alunos, todo o trabalho realizado foi feito com o intuito de fomentar o gosto pela atividade física, incutir a importância da atividade física na saúde pessoal e promover atitudes e valores positivamente aceites na sociedade, fomentando sempre que possível a ética desportiva e o fair-play.

Um dos grandes objetivos, por mim estipulado, ao longo das aulas, foi o de incutir rotinas e hábitos de trabalho na disposição das diferentes atividades, regras de comportamento e estratégias, para que os alunos se mantivessem em atividade no maior período de tempo possível e de forma que esta se relacionasse com os objetivos gerais da aula.

Desde cedo, após a avaliação inicial realizada no início do ano letivo, verifiquei que a turma era bastante heterogénea, e sendo assim, houve necessidade de diferenciar o processo de ensino-aprendizagem dando resposta às necessidades da turma, procurando desenvolver um trabalho adequado a cada nível e ocasionalmente cruzar o trabalho entre níveis para que os alunos de nível superior pudessem auxiliar os alunos de nível inferior, atribuindo, desta forma, um sentimento de responsabilidade perante a evolução dos seus colegas.

Relativamente às Unidades Didáticas, e durante o desenvolvimento destas, no que diz respeito ao planeamento das aulas tentei passar aos alunos a ideia de que mais importante que a aquisição perfeita de todos os elementos técnicos de maneira isolada é a capacidade de em situação de jogo aplicar os diferentes elementos técnicos para assim ser mais eficaz e efetivo. Este tipo de filosofia de ensino é ilustrada pelo modelo de ensino da Educação Física TGFU “Teaching Games for Understanding”, que pretende que os alunos percecionem o modelo de execução de cada gesto técnico, o executem mas que acima de tudo saibam tirar proveito desses elementos numa situação de jogo imprevisível e que consigam elevar os níveis de inteligência tática e desenvolver uma capacidade tática individual que será importante para a abordagem a qualquer modalidade.

Acredito que, em primeiro lugar, relativamente à motivação e entusiasmo dos alunos, estes mostram-se muito mais interessados e participativos nas tarefas apresentadas, uma vez que estão permanentemente em situações próximas do jogo

e da competição, mantendo regularmente níveis elevados de excitação, interesse e entusiasmo. Em segundo lugar, acho que esta abordagem de modelo de ensino permitiu aos alunos perceberem melhor a ligação entre as suas capacidades técnicas e a aplicação dessas capacidades nas situações de jogo, contudo, os alunos podem transferir a sua compreensão e execução entre os vários jogos desportivos com as mesmas características e elementos táticos comuns. Isto leva a que os alunos sejam melhores jogadores na sua forma de interpretar o jogo e simultaneamente menos dependentes dos professores na tomada de decisão e participação no jogo. Por último, acho que os alunos, através das experiências vivenciadas e da prática regular, aprenderam a apreciar o valor da prática simples das suas capacidades e aplicação das mesmas aliadas à performance, não esquecendo que esta atinge-se através da prática regular, alunos motivados e interessados na participação das tarefas, uma vez que estas têm um sentido competitivo. Toda esta abordagem resultou numa notória melhoria das capacidades dos alunos em todos os domínios (cognitivo, sócio-afetivo e psicomotor). Contudo, alguns alunos evidenciaram poucas evoluções ou nenhuma, não porque não tivessem capacidades ou um nível inferior, pois esses têm uma maior margem de evolução, mas simplesmente porque os seus comportamentos não foram os mais indicados e o compromisso com a aprendizagem era pouco ou quase nenhum.

Como nem tudo são aspetos positivos, por vezes o sentimento de culpa apoderou-se de mim quando os objetivos perspetivados não eram atingidos na sua plenitude, levando a que houvesse uma constante evolução nos métodos de ensino de forma a proporcionar aos alunos as melhores situações de aprendizagem.

5. FORMAÇÃO

5.1. Dificuldades Sentidas e Formas de Resolução

5.1.1. Teoria vs. Prática

Bento (1995) considera que *“o percurso das teorias dos práticos para as outras conhece algumas dificuldades. Mais penoso é, contudo, o caminho inverso, ou seja, a passagem de teorias científicas para as ações práticas do ensino. Tais dificuldades são reconhecidas como problemas da relação teoria-prática”*.

Uma das principais dificuldades foi o facto de o estágio se traduzir numa tarefa muito teórica com muito trabalho a ser feito no computador. Parece-me que este é de facto uma limitação do estágio e uma limitação para nós, visto que a intervenção pedagógica (prática), é de facto reduzida sobretudo no primeiro período, em que a necessidade de executar diversas tarefas no âmbito de várias unidades curriculares, e do próprio estágio pedagógico, acaba por roubar tempo precioso que poderia ser empregue em ações mais práticas.

5.1.2. Avaliação Diagnóstica, Planeamento e Roulement

O planeamento foi o primeiro nível de dificuldades com que me deparei por ser primeiro processo com que tive contacto no ano de estágio. Fundamentalmente ao nível da articulação das inúmeras tarefas foi necessário grande capacidade de organização para poder realizar todas as tarefas e com a maior correção e qualidade possível.

Dado que num curto espaço de tempo era necessário planear os momentos de avaliação diagnóstica, criar as fichas tipo com caracterização do núcleo de estágio (planos de aula, registo de sumários, ficha de presenças, extensão e sequência de conteúdos, etc.), realizar o inventário de material, caracterizar a escola e a turma, entre outros, o início da fase de planeamento foi algo caótico e em certos momentos demasiado rigoroso para alguém sem experiência no meio escolar e no ensino da educação física, revelando por vezes ser um processo difícil e exaustivo.

A realização do planeamento e das extensões e sequências de conteúdos de cada unidade didática foi também um momento de dificuldades iniciais por ter de relacionar as matérias e conteúdos com o *roulement*. Pretendia abordar as unidades didáticas com uma sequenciação mais adequada e, por necessidade de realizar a rotação de espaços, algumas unidades didáticas acabaram por se alongar bastante no tempo o que não considero ser muito benéfico para a consolidação de conteúdos.

5.1.3. Elevada Quantidade de Modalidades Abordadas

De acordo com o Plano de Educação Física da Escola Básica Castro Matoso, no 9º Ano o planeamento anual deverá ser elaborado, contemplando a abordagem a 10 modalidades diferentes.

Embora esteja referido no Programa Nacional de Educação Física para o 3º Ciclo que o 9.º Ano será dedicado à revisão das matérias, aperfeiçoamento e/ou recuperação dos alunos, tendo por referência a realização equilibrada e completa do conjunto de competências específicas para o 3.º Ciclo, penso que o número de modalidades estipuladas para este ano de escolaridade foram demasiado elevadas. Desta forma, sucedeu, como era previsível, que após a necessidade de fazer ajustamentos no que diz respeito à distribuição de matérias ao longo do ano letivo, algumas delas necessitassem de mais tempo para exercitar e consolidar alguns conteúdos.

5.1.4. Constituição da Turma (Alunos com NEE)

Importa recordar algumas regras relativas à constituição de turmas, previstas no Despacho nº 13 170/2009, de 4 de Junho, acrescidas de algumas orientações. A par dos critérios de natureza pedagógica definidos nos documentos orientadores da escola, cuja aplicação cabe ao diretor no quadro de uma eficaz gestão e rentabilização de recursos humanos e materiais existentes, apela-se para a necessidade imperiosa de respeito e cumprimento das regras constantes da

legislação e das orientações definidas, que se constituem como condição indispensável ao funcionamento das turmas que venham a ser constituídas.

Segundo o ponto 5.4, *“As turmas que integrem crianças e jovens com necessidades educativas especiais de carácter permanente, e cujo programa educativo individual assim o determine, são constituídas por 20 alunos, no máximo, não podendo incluir mais de 2 alunos nestas condições.”*

Desta forma, tornou-se previsível que esta seria uma dificuldade acrescida, pois conforme já foi descrito, a turma do 9.ºA era constituída por 27 alunos, dos quais 3 tinham necessidades educativas especiais, revelando um incumprimento da legislação em vigor.

Um dos alunos surge como sendo aquele que evidenciava mais dificuldades tanto no domínio psicomotor como no cognitivo. Nas aulas de Educação Física, desempenhou tarefas que lhe permitissem manter-se ativo ao longo da aula, se possível, realizando tarefas de acordo com as matérias definidas no plano anual de turma. Uma vez que é extremamente difícil melhorar a sua condição física no âmbito escolar, devido ao fato de ele estar inserido numa turma com um grande número de alunos, o que a meu ver parece-me um pouco desajustado às suas necessidades, a maior parte das tarefas que desempenha tendiam a ser direcionadas para a melhoria das suas capacidades coordenativas. No que diz respeito ao domínio sócio afetivo, este aluno colaborou na preparação, arrumação e preservação do material, demonstrando também um bom relacionamento interpessoal e de grupo com os seus colegas, sendo responsável do ponto de vista da assiduidade e pontualidade. Convém salientar que foi referido em relatório de avaliação que, a não inclusão deste aluno num programa mais ajustado às suas capacidades e necessidades, no que diz respeito à prática de atividade física, poderá comportar, a longo prazo, numa diminuição da sua qualidade de vida, comportando também fatores considerados de risco para a sua saúde.

Em relação aos outros dois alunos com NEE, sempre que possível, foram incluídos nas tarefas propostas para a turma, tendo sempre em conta as suas limitações.

5.1.5. Feedback Pedagógico

Após a avaliação intercalar dos alunos estagiários, levada a cabo pelo professor orientador Fernando Leite, foi verificado que no parâmetro da intervenção pedagógica, a quantidade dos feedbacks deveria ser, maior e melhor.

Posto isto, decidimos trabalhar um pouco este tema e foram elaboradas grelhas de observação, para que fosse registado o nosso comportamento ao nível dos feedbacks durante a aula. Este sistema de observação foi constituído por 4 dimensões (objetivo, direção, forma e afetividade).

O sistema tem por base os estudos realizados por Rodrigues (1989) e Rosado (1988) sendo uma adaptação de diversos sistemas de análise que podem ser identificados nos referidos estudos (Sarmiento, 2001).

Para levar a cabo esta tarefa, acordei com o professor estagiário João Domingos que observaria as minhas aulas e eu faria o mesmo nas dele.

Decidimos fazer duas observações, uma logo após o relatório da avaliação intercalar e uma outra já perto do final do ano letivo, no 3º período.

O objetivo principal deste trabalho não passava por avaliar a quantidade ou qualidade dos feedbacks que ministrava, apenas serviu para eu tomar consciência e conhecimento objetivo do meu comportamento neste campo ao longo durante as aulas.

5.2. Formação Contínua

O Professor, enquanto agente educativo, só cumprirá totalmente o seu papel, se estiver, adaptado às funções que a sociedade lhe reserva. A formação contínua é, portanto, um fator indispensável para que este se adapte constantemente à realidade do ensino, tendo em conta as alterações das variáveis que regulam o processo de ensino / aprendizagem. Dada a indiferenciação de tarefas que o professor pode desempenhar no exercício da sua profissão, *“a formação inicial dos professores deve munir os futuros professores com as ferramentas necessárias para que, ao chegarem à escola, sejam capazes de desempenhar qualquer cargo*

especializado sem que para isso, seja necessário realizarem formações complementares” (Formosinho, 1992), tais como: "cargos de diretor de turma, delegados de disciplina, diretores de departamento curricular, diretores de instalações, animadores culturais, monitores de formação contínua, orientadores pedagógicos, supervisores, formadores de formadores, professores peritos em orientação escolar, professores de apoio, professores de apoio a crianças com necessidades educativas especiais, etc."

Posto isto, procurei recolher o máximo de informações possíveis para agilizar da melhor forma o meu progresso durante o ano letivo. Para tal, em muito contribuiu o professor Fernando Leite e os meus colegas de estágio e que, na partilha das dificuldades e de problemas e através de um espírito crítico e de opiniões construtivas, me auxiliaram na descoberta de soluções para os problemas que iam surgindo. Tal se verificou tanto nas reuniões do Núcleo de Estágio, como em momentos informais, no final das aulas que observávamos uns dos outros, momentos esses que se revelaram muito importantes no desenvolvimento da minha ação.

Pode-se então concluir que a formação do professor nunca cessa. Esta é um processo pessoal que deve ser realizada ao longo de toda a vida. Para tal é necessário que o professor questione, tenha um espírito inquieto na procura de novos conhecimentos e que esteja aberto à inovação.

6. APROFUNDAMENTO DO TEMA

6.1. Introdução

Na sequência do estágio pedagógico do Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, surge a necessidade de através da prática docente explorar um tema ou problema que se enquadre nos domínios de intervenção da Educação Física escolar.

Este tema, pretende ser desenvolvido segundo o ponto de vista das sugestões metodológicas para aplicação dos Programas Nacionais de Educação Física.

As orientações metodológicas sugerem que haja condições de aplicação dos programas e de desenvolvimento da Educação Física, nomeadamente decisões ao nível dos recursos materiais. A organização pedagogicamente adequada das atividades em Educação Física é frequentemente limitada pelas reduzidas possibilidades de prática de matérias diferentes, que a maior parte dos espaços de aula oferece.

A aplicação destes programas implica que os espaços sejam, de facto, polivalentes, isto é, que admitam a possibilidade de se realizarem atividades de aprendizagem de todas as áreas ou subáreas (mesmo que não seja nas situações formais), de maneira a que o professor possa optar pela seleção de matérias e modos de prática em cada ciclo de trabalho e no conjunto do ano letivo (in Programa Nacional de Educação Física).

Perante estes pressupostos, irão ser sugeridas propostas de aproveitamento dos espaços físicos, de uma metodologia de abordagem dos conteúdos, com as três modalidades a serem aplicadas em simultâneo, assim como, uma análise do processo de ensino aprendizagem dos jogos desportivos coletivos e a relação existente entre o transfere de aprendizagens e a similitude entre as habilidades motoras nas diferentes modalidades como forma de justificar esta abordagem.

6.2. Jogos Desportivos Coletivos

Os Jogos Desportivos Coletivos (JDC), engloba, entre outras, modalidades como o Futebol, Andebol e Basquetebol, ocupando *“um lugar importante na cultura desportiva contemporânea”* (Graça e Oliveira, 1994). Da mesma forma podemos verificar que no Programa Nacional de Educação Física (PNEF), o mesmo se refere ao Futebol, Andebol e Basquetebol como sendo matérias consideradas nucleares no ensino dos Jogos Desportivos Coletivos.

Para Teodorescu (1984), o jogo desportivo coletivo *“representa uma forma de atividade social organizada, uma forma específica de manifestação e de prática, com carácter lúdico e processual, do exercício físico, no qual os participantes (jogadores) estão agrupados em duas equipas, numa relação de adversidade típica não hostil (rivalidade desportiva) – relação determinada pela disputa através de luta com vista à obtenção da vitória desportiva, com a ajuda da bola (ou outro objeto de jogo) manobrada de acordo com regras pré-estabelecidas”*. Mesquita (cit. por Graça e Oliveira, 1994), acrescenta que *“os JDC constituem um meio formativo por excelência, na medida em que a sua prática, quando corretamente orientada, induz o desenvolvimento de competências em vários planos”* salientado o técnico-cognitivo, o técnico e o sócio afetivo.

6.3. Transfere de Aprendizagem e Similitude entre Habilidades Motoras

6.3.1. Transfere de aprendizagem

“O conceito de transfere é particularmente importante na aprendizagem. A capacidade de transferir competências por forma a adaptá-las a novas exigências é um facto comprovado. A explicação para a possibilidade de se alcançar um nível de desempenho relativamente elevado numa situação concreta nunca antes vivida, só se pode conceber pelo transfere resultante de experiências passadas relacionadas” (Godinho et al., 1999).

Na questão do transfere é requerida a produção de um movimento algo semelhante ao que se aprendeu, todavia diferente nas características de tempo e intensidade, por exemplo. Trata-se de o sujeito transferir a competência que foi aprendida e de aplicar essa competência a situações diferentes, ou seja, a novos contextos.

Pode-se assim concluir, que o conceito de transfere de determinada aprendizagem motora implica os efeitos que determinada prática de uma habilidade motora vai ter na aprendizagem de outra habilidade motora. Por exemplo, é natural que a prática de skate vá facilitar a aprendizagem de uma atividade motora como o windsurf.

6.3.2. Similitude entre Habilidades Motoras

Para *Godinho (1999)*, a similitude entre habilidades pode basear-se em diversos aspetos, embora estes não sejam universais é comum caracteriza-la tendo em conta as seguintes características:

- 1. Padrões de movimento:** os movimentos similares têm características comuns quanto aos padrões fundamentais de movimento. Uma vez que as cadeias cinéticas e cinemáticas entre algumas habilidades são comuns, como por exemplo, o padrão motor de lançar por cima do ombro no serviço de ténis e o remate em voleibol, podemos classificar estas como similares.
- 2. Elementos Percetivos:** uma vez que existem muitas habilidades com as mesmas exigências percetivas relativamente às capacidades, processos e mesmo estratégias percetivas, como por exemplo, o facto da análise da trajetória de um objeto ser fundamental para o intercetar, podemos classificá-las como similares.
- 3. Estratégias e conceitos:** certos conceitos e estratégias são comuns a diversas habilidades e atividades motoras, como por exemplo, as semelhanças nas regras de andebol e basquetebol ou similaridade nos princípios de ataque e defesa entre o futebol e o hóquei de campo, sendo assim também poderemos classificar estas como similares.

6.3.3. Procedimentos para Amplificar o Transfere de Aprendizagem

Segundo Godinho et al. (1999), o transfere na aquisição e aprendizagem de habilidades poderá ser benéfico se tivermos em conta alguns aspetos e princípios durante o ensino e organização da prática motora de forma a estes serem maximizados:

- 1. Variabilidade das condições de prática:** o facto criar oportunidades para praticar variações da mesma habilidade, em diferentes condições e contextos ajuda a promover o transfere da aprendizagem.
- 2. Interferência contextual:** praticar alternadamente diferentes tarefas aumenta a complexidade e a dificuldade da prática motora, o que leva a um processamento mais profundo durante a aquisição.
- 3. Simuladores da prática real:** o transfere poderá ser potenciado se forem usados dispositivos e instrumentos que simulem as condições reais da prática.
- 4. Maximizar a similitude entre o ensino e a prática em situação real:** Se a prática for semelhante às condições reais, a probabilidade de ocorrer um transfere positivo é maior.
- 5. Aumentar a prática na tarefa original:** a aquisição da tarefa original deve ser adequada pois só assim são potenciados os seus efeitos de transfere para tarefas subsequentes.
- 6. Variar os exemplos ao ensinar conceitos e princípios:** é importante que o ensino de conceitos e princípios seja variado contemplando o máximo de exemplos onde os mesmos deverão ser aplicados e onde a sua generalização se aplica a muitas habilidades motoras mais complexas.
- 7. Acentuar as componentes similares das habilidades:** é importante conduzir o sujeito a uma análise mais elaborada da similaridade entre habilidades para que sejam explicados e identificados os aspetos comuns a várias tarefas.
- 8. Reduzir a frequência da informação de retorno sobre o resultado:** o sujeito deverá ser conduzido à correção da resposta com base nas informações de retorno (feedback), que posteriormente serão usadas em situação de transfere para realizar habilidades motoras.

6.4. Prática Transferível nos JDC

O planeamento da prática deve potenciar a generalização e o transfere de aprendizagem entre habilidades motoras. A análise das componente e características das tarefas motoras a ensinar deve ser uma preocupação constante do professor, por forma a encontrar pontos de similaridade entre tarefas.

No que diz respeito ao ensino e treino dos JDC, podemos considerar dois tipos de atitudes. Uma em que se parte do princípio que *“cada JDC tem uma especificidade de tal forma elevada que o seu ensino e treino devem ocorrer a partir da utilização de princípios, meios e técnicas que lhe são exclusivos”*. Outra resulta da convicção de que *“existem modalidades entre as quais é possível reconhecer semelhanças e, a partir daí, construir situações que permitam a assimilação de princípios comuns, recorrendo a meios e até algumas técnicas comuns”* (Godinho et al., 1999).

Reportando-nos para o ensino dos JDC na escola, entendemos que tem grande pertinência a questão colocada por Bayer (1985) citado por Graça e Oliveira (1994): *“como, face à diversidade de conteúdos e formas dos JDC, elaborar um ensino coerente e uma abordagem pedagógica que evitem o subaproveitamento do tempo disponível, a repetição dos conteúdos e assegurem o respeito pelos problemas específicos de cada modalidade?”*

Esta questão foi respondida por a Bayer (1985) e Cecchini (1985) citados por Graça e Oliveira (1994), onde propunham a denominada prática transferível, *“assegurando a possibilidade de transferir as suas aquisições numa atividade, para outra modalidade”*.

Esta aplicabilidade também poderá ser realizada para além da estrutura do jogo em si. O planeamento de exercícios e tarefas também poderão contemplar a prática transferível. Garganta (1991), diz mesmo que *“ao nível do ensino dos JDC na escola, parece ser conveniente construir, nas fases iniciais da aprendizagem, uma metodologia que favoreça a assimilação de princípios comuns ao JDC estrutural e funcionalmente semelhantes.”*

Desta forma, podemos concluir que *“a prática transferível deve ser construída, nos JDC, a partir das similitudes encontradas com referência a determinados critérios”* (Graça e Oliveira, 1994).

Passando uma breve revisão ao PNEF, podemos constatar que os conteúdos sugeridos se repetem nas três modalidades (Futebol, Andebol e Basquetebol), nomeadamente, em posse de bola, o passe, receção, drible, finta, desmarcação e o remate/cesto. A equipa sem posse de bola, utiliza a defesa individual na tentativa de pressionar (dificultando o drible, o passe, o remate/lançamento), interceptar e realizar as dobradas/ajudas. O posto específico de guarda-redes tem em comum no Andebol e Futebol o enquadramento e o passe (início do contra-ataque).

De qualquer das formas, importa salientar que poderá ser realizada uma gestão do currículo, tornando-o flexível, e assim sendo, ajustá-lo ao nível da escola e mais concretamente ao nível da turma, tendo em conta os recursos materiais e humanos disponíveis. É assim importante, sobretudo, identificar e reter os denominadores comuns que nos permitem definir as semelhanças entre os diversos JDC.

Os denominadores comuns aos JDC podem ser encontrados num plano geral (Bayer, 1985 cit. por Graça e Oliveira, 1994): *“existe uma bola, pela qual lutam as equipas; existe um terreno de jogo, onde se desenvolve o confronto; há um alvo a atacar e outro a defender; há regras a respeitar; existem colegas com quem cooperar e adversários cuja oposição importa vencer.”*

6.5. Reflexão Sobre a Aplicação da Prática Transferível Realizada

Durante o segundo período foi aplicada esta metodologia de ensino dos Jogos Desportivos Coletivos agrupando o Futebol, o Andebol e o Basquetebol, formando estas três, uma Unidade Didática comum.

Estas três matérias apresentam alguma semelhança em relação aos elementos técnicos e táticos a abordar e por isso podem existir uma conjugação das três no mesmo momento de lecionação com redução do número de aulas através da elaboração de uma extensão e sequência de conteúdos que englobe os elementos técnicos comuns às matérias, tendo em conta uma sequência metodológica direcionada para a turma em questão.

A escolha pelas modalidades de Futebol, Andebol e Basquetebol para realizar esta abordagem metodológica teve um propósito, e de acordo com Crevoisier (1984), Garganta & Soares (1986) cit. por Graça & Oliveira (1994), *“as pontes ou ligações mais viáveis parecem ser aquelas que podem estabelecer-se entre o Andebol, o Basquetebol e o Futebol”* porque:

- No plano energético-funcional, são jogos que fazem apelo a esforços intermitentes, mistos alternados (aeróbio-anaeróbio) e podem ser considerados atividades de resistência, em regime de velocidade, de força e de coordenação tático-técnica;

- De um ponto de vista tático-técnico, em todos estes jogos existe luta direta pela posse da bola, há invasão no meio campo adversário e as trajetórias predominantes são de circulação de bola.

Tendo em conta os espaços exteriores, polivalentes, que a Escola dispunha, e o número elevado de elementos que constituía a turma, na abordagem a esta Unidade Didática comum foi feita a divisão dos alunos por três campos distintos onde seria abordada uma modalidade diferente em cada um, fazendo a rotação dos diversos grupos, pelos diversos campos, após determinado tempo de exercitação, concedendo aos alunos uma maior motivação para a prática, e à aula uma maior dinâmica.

Desta forma, foram propostos exercícios critério e situações de jogo reduzido semelhantes para cada modalidade.

Esta abordagem, por vezes, também foi realizada no pavilhão, mas sendo assim, houve necessidade de abordar uma modalidade de cada vez efetuando uma atividade massiva à classe, recorrendo na mesma a exercícios critério com os denominadores comuns a cada matéria e essencialmente a situações de jogo reduzidas.

No que diz respeito à dimensão da ensino-aprendizagem podemos de fato realçar alguns aspetos que, a meu ver, parecem ter sido bastante positivos, tais como:

- A diminuição do tempo de transições entre tarefas;
- A diminuição do tempo de instrução despendido na explicação de tarefas;
- A diminuição do tempo de organização da classe;

Sendo assim, foi inevitável que o tempo de empenhamento motor aumentasse de forma considerável, permitindo assim que os alunos passassem

mais tempo, em cada a aula, em exercitação, maximizando o tempo potencial de aprendizagem.

Para Aranha (2005), *“o sucesso da aprendizagem está relacionado com a oportunidade para aprender (tempo na tarefa) e a maximização do tempo potencial de aprendizagem, permitindo distinguir o professor eficaz.”*

7. CONCLUSÕES

O estágio, enquanto última fase do processo de formação integrada dos professores e, ao mesmo tempo, iniciação do exercício da profissão, é um período, em geral, conotado com uma certa dificuldade.

Ser professor é ter o cuidado em educar os alunos, de modo a adquirirem atitudes autónomas, para que no futuro sejam cidadãos civicamente responsáveis e intervenientes na sociedade.

Tendo em conta tudo o que aprendi ao longo da minha formação, penso que desempenhei o meu papel da melhor forma possível mas por vezes limitado pelo tempo disponível.

O estágio foi de encontro às minhas expectativas embora tenha a noção clara de que, quando exercer esta atividade profissional, o aumento das turmas a lecionar condicionará o trabalho a desempenhar. Além disso, fiquei consciente de que qualidade no processo ensino-aprendizagem é fruto da experiência obtida ao longo de anos, sendo este último ano do Mestrado em ensino Educação Física o princípio de um processo que visa promover a aquisição da competência profissional.

Os objetivos a que me propus inicialmente foram atingidos e até superados, sei que, olhando para trás, haveria ainda muito mais para fazer, mas este será um desafio para o futuro, pois a minha bagagem atualmente é bem mais alargada e a luta não termina agora.

Ao longo do estágio, tentei sempre demonstrar grande rigor científico e segurança na apresentação dos conteúdos, uma vez que me preocupei em preparar as aulas de modo a responder a todas as necessidades dos alunos, de forma ajustada ao seu nível de aprendizagem e tendo em conta algumas necessidades mais específicas de alguns alunos.

Tendo sido esta uma fase inicial da prática docente, muito há ainda para aprender. Esta oportunidade de contacto com um contexto real, de forma orientada e gradual foi, sem dúvida alguma, uma experiência de extrema importância, através da qual cresci muito a nível profissional e pessoal.

Numa análise global, penso que o estágio foi bastante trabalhoso, mas de importância vital para mim, trabalhoso, porque foi necessário adequar estratégias e recursos de acordo com a diversidade de alunos; essencial, porque devido às

dificuldades que encontrei e à forma como as ultrapassei, sinto que estou preparado para enfrentar uma vida profissional futura.

A presença constante de um grupo de estágio com o qual desenvolvi grande amizade no decorrer do mesmo também foi sem dúvida um reforço para que todos os dias me tenha dedicado ao máximo durante todo este ano letivo.

Sinto-me bastante feliz por chegar ao fim desta etapa, e, perceber que realmente aquilo que gosto de fazer é lecionar.

Espero que o futuro se encarregue de responder a algumas questões que ficaram em aberto, indicando-me o melhor caminho para otimizar a tarefa de promover o sucesso dos alunos, sendo este o objetivo final do Sistema de Ensino.

Este ano de formação foi importante por me ter fornecido algumas ferramentas para encarar o futuro. Ciente da realidade que um professor enfrenta atualmente, espero não parar por aqui e dar continuidade ao meu processo de aquisição de conhecimentos, tentando sempre que possível enveredar por áreas (se possível relacionadas com o Desporto) que me permitam facilitar o acesso ao ensino e possivelmente a outras vias de trabalho.

Tal como o para-brisas é maior que o retrovisor, a importância que damos ao futuro deve ser maior que a que damos ao passado.

8. BIBLIOGRAFIA REFERIDA

8.1. Referências Normativas

MINISTERIO DA EDUCAÇÃO (2005). Despacho normativo n.º 1/2005 de 5 de Janeiro. *Diário da República*, 1.ª Série -B, n.º 3, 71 - 76.

MINISTERIO DA EDUCAÇÃO (2001). Decreto-Lei nº6/2001, de 18 de Janeiro. *Diário da República*, 1.ª Série -A, n.º 15 , 258 - 265.

MINISTERIO DA EDUCAÇÃO (2009). Despacho normativo n.º 1370/2009 de 4 de Junho. *Diário da República*, 2.ª Série, n.º 108.

8.2. Referências Bibliográficas

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE OLIVEIRINHA (2009). *Projeto Educativo do Agrupamento 2009-2013*.

ALLAL, L. (1989). *Estratégias de avaliação formativa: Concepções psicopedagógicas e modalidades de aplicação*, pp. 59 – 118.

ARANHA, À. (2004). *Organização, Planeamento e Avaliação em Educação Física*. Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.

ARANHA, À. (2005). *Pedagogia da Educação Física e do Desporto I - Processo ensino-aprendizagem, organização do ensino e estilos de ensino*. Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.

ARANHA, À. (2005). *Pedagogia da Educação Física e do Desporto I: Sistematização da observação, sistemas de observação e fichas de registo-compilação*. Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.

Bento, J. (1987): *Planeamento e avaliação em Educação Física*. Livros Horizonte. Lisboa.

BENTO, J. (1995). *O Outro Lado do Desporto*. Porto: Campo das Letras.

BENTO, J. (1998). *Planeamento e Avaliação em Educação Física*. Lisboa: Livros Horizonte.

BENTO, J.O. (1987). *Desporto “Matéria” de Ensino*. Editorial Caminho, SA., Lisboa.

- CAIRES, S., & ALMEIDA, L. (2000). *Os estágios na formação dos estudantes do ensino superior: tópicos para um debate em aberto*. Revista Portuguesa de Educação, 219, 221, 222.
- CARVALHO, L. (1994). *Avaliação das Aprendizagens em Educação Física*, pp. 135-151.
- CORTESÃO, L., & TORRES, M., (1990). *Avaliação Pedagógica I – Insucesso escolar, 4º Série*, pp. 103. Editora: Porto Editora.
- FORMOSINHO, J. (1992). *Da Crise da Educação Escolar à Diversificação da Função Docente: Reflexões sobre a Formação dos Professores*. Oração de Sapiência proferida na Universidade do Minho. Braga. Coletânea de Textos, Universidade do Minho.
- FORMOSINHO, J. (2001). *A Formação Prática dos professores: da prática docente na instituição à prática pedagógica nas escolas*. Universidade do Minho.
- FREIRE, P. (1996). *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa (25ª ed.)*. São Paulo: Paz e Terra.
- GARGANTA, J. (1991). *Pressupostos para uma prática transferível dos jogos desportivos coletivos estruturalmente semelhantes*. Relatório apresentado às Provas de Aptidão Pedagógica. FCDEF-UP.
- GODINHO, M., MENDES, R., MELO, F. & BARREIROS, J. (1999). *Controlo Motor e Aprendizagem. Fundamentos e Aplicações*. Lisboa: FMH.
- GRAÇA, A. & OLIVEIRA, J. (1994). *O Ensino dos Jogos Desportivos*. Centro de Estudos dos Jogos Desportivos. Porto: Faculdade de Ciência dos Desporto e de Educação da Física.
- MINISTERIO DA EDUCAÇÃO. *Programas Nacionais de Educação Física Escolar, 3º ciclo do Ensino Básico. Volumes I e II*. Portugal.
- NOBRE, P (2009). *Avaliação Pedagógica em Educação Física*. Documento não editado. Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física, da Universidade de Coimbra.
- ROSADO, A., (2002). *Pensando e Planejando a Educação Física Escolar*.
- SARMENTO, P., VEIGA, L. A., ROSADO, A., RODRIGUES, J. & FERREIRA, V., (2001). *Pedagogia do Desporto. Instrumentos de Observação Sistemática da Educação Física e Desporto*. Lisboa: FMH.
- SIEDENTOP, D. (1983). *Developing Teaching Skills in Physical Education. Second Edition*. Mayfield Publishing Company.

- SIEDENTOP, D. (1998). *Aprender a Enseñar la Educación Física*. Barcelona: INDE Publicaciones.
- Sousa, J. (1991/92): *Pressupostos, princípios e elementos de um modelo de planeamento em Educação Física*. Revista Horizonte, Vol. VIII, n.º 46, Dez./Jan., Dossier.
- TEODORESCU, L. (1984). *Problemas de Teoria e Metodologia nos Jogos Desportivos*. Lisboa: Livros Horizonte.

ANEXOS

ANEXO 1 – PLANEAMIENTO ANUAL



Planeamento Anual 9ºA (27 Alunos)

Professor: Fernando Leite

Estagiário: Diogo Moreira

Período	Número de Aulas	Tempos Letivos	Tempos	
			90'	45'
1º	23	36	13	10
2º	19	29	10	9
3º	16	24	8	8
TOTAL	62	94	32	30

Semana	Terça-Feira (14:25 – 15:55) *	Aula	Quinta-Feira (16:05 – 16:50)	Aula
	90 Minutos		45 Minutos	
12 SET – 16 SET	Ginásio	1 e 2	Ginásio	3
	Avaliação		Avaliação Diagnóstica Ginástica de Solo	
19 SET – 23 SET	Exterior	4 e 5	Exterior	6
	Avaliação Diagnóstica de Andebol e Basquetebol		Avaliação Diagnóstica Futebol	
26 SET – 30 SET	Pavilhão	7 e 8	Exterior	9
	Avaliação Diagnóstica Voleibol e Badminton		Avaliação Diagnóstica Atletismo	
3 OUT – 7 OUT	Ginásio	10 e 11	Pavilhão	12
	Avaliação Diagnóstica Ginástica de Aparelhos		Avaliação da Aptidão Física	
10 OUT – 14 OUT	Pavilhão	13 e 14	Pavilhão	15
	Avaliação da Aptidão Física		Avaliação da Aptidão Física	
17 OUT – 21 OUT	Pavilhão	16 e 17	Exterior	18
	Voleibol		Atletismo	
24 OUT – 28 OUT	Pavilhão	19 e 20	Exterior	21
	Voleibol		Atletismo	
31 OUT – 4 NOV	Pavilhão		Pavilhão	22
	Feriado		Av. Formativa Voleibol	
7 NOV – 11 NOV	Pavilhão	23 e 24	Ginásio	25
	Voleibol		Atletismo	
14 NOV – 18 NOV	Pavilhão	26 e 27	Exterior	28
	Av. Sumativa Voleibol		Av. Teórica Voleibol	
21 NOV – 25 NOV	Exterior	29 e 30	Exterior	
	Av. Formativa Atletismo		Greve	
28 NOV – 2 DEZ	Exterior e Ginásio	31 e 32	Pavilhão	
	Atletismo		Feriado	
5 DEZ – 9 DEZ	Ginásio	33 e 34	Ginásio	
	Av. Sumativa Atletismo		Feriado	
12 DEZ – 16 DEZ	Exterior	35 e 36	Exterior	
	Av. Teórica Atletismo		Corta-Mato Escolar	

* Nas aulas lecionadas à terça-feira, o espaço pode ser alterado de acordo com as necessidades, uma vez que não existe qualquer turma a realizar aula em simultâneo.



2º PERÍODO	Semana	Terça-Feira (14:25 – 15:55) * 90 Minutos	Aula		Quinta-Feira (16:05 – 16:50) 45 Minutos	Aula
	3 JAN – 6 JAN	Exterior Futebol – Andebol – Basquetebol	37 e 38		Exterior (Pequeno) Futebol	39
	9 JAN – 13 JAN	Exterior Futebol – Andebol – Basquetebol	40 e 41		Pavilhão Andebol	42
	16 JAN – 20 JAN	Exterior Basquetebol	Ginásio Gin. Solo	43 44	Exterior Falta por motivo de doença	
	23 JAN – 27 JAN	Exterior Futebol – Andebol – Basquetebol	45 e 46		Exterior Futebol	47
	30 JAN – 3 FEV	Exterior Futebol – Andebol – Basquetebol	48 e 49		Exterior (Pequeno) Andebol	50
	6 FEV – 10 FEV	Exterior Futebol – Andebol – Basquetebol	51 e 52		Pavilhão Basquetebol	53
	13 FEV – 17 FEV	Ginásio Ginástica de Solo e Aparelhos	54 e 55		Ginásio Visita de Estudo	
	20 FEV – 24 FEV	Exterior Feriado			Exterior Desporto Escolar (Mega Sprinter – Apuramentos 9.ªA)	56
	27 FEV – 2 MAR	Exterior Mega Sprinter (Apuramentos Escola)			Exterior (Pequeno) Futebol e Andebol	57
	5 MAR – 9 MAR	Exterior Futebol – Andebol – Basquetebol	58 e 59		Pavilhão Av. Sumativa Basquetebol	60
	12 MAR – 16 MAR	Exterior Av. Sumativa Futebol – Andebol	61 e 62		Ginásio Av. Teórica Futebol – Andebol – Basquetebol	63
	19 MAR – 23 MAR	Pavilhão Auto-avaliação e Ténis de Mesa	64 e 65		Exterior Greve Geral	

3º PERÍODO	Semana	Terça-Feira (14:25 – 15:55) * 90 Minutos	Aula		Quinta-Feira (16:05 – 16:50) 45 Minutos	Aula
	10 ABR – 13 ABR	Pavilhão Badminton	66 e 67		Exterior (pequeno) Ginástica de Solo	68
	16 ABR – 20 ABR	Pavilhão Badminton	69 e 70		Pavilhão Desporto Escolar	
	23 ABR – 27 ABR	Ginásio Gin. Solo e Aparelhos	71 e 72		Ginásio Gin. Aparelhos	73
	30 ABR – 4 MAI	Exterior Feriado			Exterior Av. Formativa Badminton	74
	7 MAI – 11 MAI	Pavilhão Badminton	75 e 76		Exterior (pequeno) Testes Condição Física	77
	14 MAI – 18 MAI	Pavilhão Av. Sumativa e Teórica Badminton	78 e 79		Pavilhão Patinagem	80
	21 MAI – 25 MAI	Ginásio Av. Formativa Gin. Solo e Aparelhos	81 e 82		Ginásio Gin. Solo e Aparelhos	83
	28 MAI – 1 JUN	Exterior Av. Sumativa Gin. Solo e Aparelhos	84 e 85		Pavilhão Patinagem	86
	4 JUN – 8 JUN	Ginásio Dança	87 e 88		Exterior (pequeno) Feriado	

* Nas aulas lecionadas à terça-feira, o espaço pode ser alterado de acordo com as necessidades, uma vez que não existe qualquer turma a realizar aula em simultâneo.



		1º PERÍODO	2º PERÍODO	3º PERÍODO	Nº TOTAL AULAS
CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS	Voleibol	11	---	---	11
	Badminton	1	---	9	10
	Ginástica de Solo	1	3	9	15
	Ginástica de Aparelhos	2			
	Atletismo	12	---	---	12
	Andebol	1	23	---	26
	Basquetebol	1		---	
	Futebol	1		---	
	Patinagem	---	---	2	2
	Dança	---	---	2	2
Apresentação	2	---	---	2	
Testes de Condição Física	4	---	1	5	
Desporto Escolar	---	1	---	1	
Ténis de Mesa	---	2	---	2	
Nº TOTAL AULAS POR PERÍODO		36	29	23	94

ANEXO 2 – ROULEMENT

ESCOLA BÁSICA 2/3 CASTRO MATOSO - OLIVEIRINHA 2011/2012

	SEG				TER				QUA				QUI				SEX				Datas	
	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	Início	Fim
09:00		8°C	7°C (DAN)		7°C		7B (DAN)		7D			8B (DAN)	7A		9C (DAN)	6A				8C (DAN)	12-Set	16-Set
09:45		8°C	7°C (DAN)		7°C		7B (DAN)		7D			8B (DAN)	7C		9C (DAN)	6A				8C (DAN)	10-Out	14-Out
10:50	7º B	9ºB	6º B		7A		9B (DAN)		8B			5C	91 A		5B	6C				5º A	07-Nov	11-Nov
11:35	7ºB	9ºB	6º B		7A		9B (DAN)		8B			5C			5B	6C				5º A	05-Dez	09-Dez
12:25	7º D	8A	5B		91 A	9C		6C		9B	5A	6A		8C	6º B			7B		5C	16-Jan	20-Jan
13:10																					13-Fev	17-Fev
14:25						9A				8A				9C	9B 8DAN						12-Mar	16-Mar
15:10						9A				8A				9C	9C			8B		9C (DAN)	AEC-9	23-Abr
16:05				DE	AEC-8	DE		AEC-10			AEC-8	AEC-11	AEC-9	9A	AEC-12	DE				AEC-10	21-Mai	25-Mai
16:50				DE		DE	AEC-12	AEC-10			AEC-8	AEC-11	AEC-9			DE				AEC-11		
17:35				DE		DE										DE						

	SEG				TER				QUA				QUI				SEX				Datas	
	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	Início	Fim
09:00		8°C	7°C (DAN)		7°C		7B (DAN)		7D			8B (DAN)	7A		9C (DAN)	6A				8C (DAN)	19-Set	23-Set
09:45		8°C	7°C (DAN)		7°C		7B (DAN)		7D			8B (DAN)	7C		9C (DAN)	6A				8C (DAN)	17-Out	21-Out
10:50	7º B	9ºB	6º B		7A		9B (DAN)		8B			5C	91 A		5B	6C				5º A	14-Nov	18-Nov
11:35	7ºB	9ºB	6º B		7A		9B (DAN)		8B			5C			5B	6C				5º A	12-Dez	16-Dez
12:25	7º D	8A	5B		91 A	9C		6C		9B	5A	6A		8C	6º B			7B		5C	23-Jan	27-Jan
13:10																					20-Fev	24-Fev
14:25						9A				8A				9C	9B 8DAN						19-Mar	23-Mar
15:10						9A				8A				9C	9C			8B		9C (DAN)	AEC-9	30-Abr
16:05				DE	AEC-8	DE		AEC-10			AEC-8	AEC-11	AEC-9	9A	AEC-12	DE				AEC-10	28-Mai	01-Jun
16:50				DE		DE	AEC-12	AEC-10			AEC-8	AEC-11	AEC-9			DE				AEC-11		
17:35				DE		DE										DE						

	SEG				TER				QUA				QUI				SEX				Datas	
	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	Início	Fim
09:00		8°C	7°C (DAN)		7°C		7B (DAN)		7D			8B (DAN)	7A		9C (DAN)	6A				8C (DAN)	26-Set	30-Set
09:45		8°C	7°C (DAN)		7C		7B (DAN)		7D			8B (DAN)	7C		9C (DAN)	6A				8C (DAN)	24-Out	28-Out
10:50	7º B	9ºB	6º B		7A		9B (DAN)		8B			5C	91 A		5B	6C				5º A	21-Nov	25-Nov
11:35	7ºB	9ºB	6º B		7A		9B (DAN)		8B			5C			5B	6C				5º A	03-Jan	06-Jan
12:25	7º D	8A	5B		91 A	9C		6C		9B	5A	6A		8C	6º B			7B		5C	30-Jan	03-Fev
13:10																					27-Fev	02-Mar
14:25						9A				8A				9C	9B 8DAN						10-Abr	13-Abr
15:10						9A				8A				9C	AEC-12			8B		9C (DAN)	AEC-9	07-Mai
16:05				DE	AEC-8	DE		AEC-10			AEC-8	AEC-11	AEC-9	9A	AEC-12	DE				AEC-10	04-Jun	08-Jun
16:50				DE		DE	AEC-12	AEC-10			AEC-8	AEC-11	AEC-9			DE				AEC-11		
17:35				DE		DE										DE						

	SEG				TER				QUA				QUI				SEX				Datas	
	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	Início	Fim
09:00		8°C	7°C (DAN)		7°C		7B (DAN)		7D			8B (DAN)	7A		9C (DAN)	6A				8C (DAN)	03-Out	07-Out
09:45		8°C	7°C (DAN)		7C		7B (DAN)		7D			8B (DAN)	7C		9C (DAN)	6A				8C (DAN)	31-Out	04-Nov
10:50	7º B	9ºB	6º B		7A		9B (DAN)		8B			5C	91 A		5B	6C				5º A	28-Nov	02-Dez
11:35	7ºB	9ºB	6º B		7A		9B (DAN)		8B			5C			5B	6C				5º A	09-Jan	13-Jan
12:25	7º D	8A	5B		91 A	9C		6C		9B	5A	6A		8C	6º B			7B		5C	06-Fev	10-Fev
13:10																					05-Mar	09-Mar
14:25						9A				8A				9C	9B 8DAN						16-Abr	20-Abr
15:10						9A				8A				9C	AEC-12			8B		9C (DAN)	AEC-9	14-Mai
16:05				DE	AEC-8	DE		AEC-10			AEC-8	AEC-11	AEC-9	9A	AEC-12	DE				AEC-10	14-Jun	18-Jun
16:50				DE		DE	AEC-12	AEC-10			AEC-8	AEC-11	AEC-9			DE				AEC-11	11-Jun	15-Jun
17:35				DE		DE										DE						

Teixeira
Zé Carlos
Fernando
Paula Dias
Lúcia

1- PAVILHÃO 2- GINÁSIO 3- EXTERIOR 4- EXTERIOR

Quem está no interior, fica no mesmo espaço. O espaço mais alto, do exterior, passa para o interior.

As aulas de dança só podem realizar-se no espaço 1 ou 2

ANEXO 3 – PLANO DE AULA E RELATÓRIO



PLANO DE AULA

ANO/ TURMA:					DATA:		HORA:		DURAÇÃO:		PERÍODO:	
ESPAÇO:			AULA N.º:		AULA DA UD:			DE UM TOTAL DE:			N.º DE ALUNOS PREVISTO:	
UNIDADE DIDÁTICA:					FUNÇÕES DIDÁTICAS:					PROF. ESTAGIÁRIO:		
SUMÁRIO:												
OBJETIVOS COMPORTAMENTAIS:												
RECURSOS MATERIAIS:												

Tempo		Objetivos Específicos Critérios de Êxito	Estratégias de Organização	Componentes Críticas Fundamentais Estilo de Ensino
	A			

PARTE INICIAL

--	--	--	--	--

PARTE FUNDAMENTAL

--	--	--	--	--

PARTE FINAL

--	--	--	--	--



1. ANÁLISE CRÍTICA E REFLEXÃO SOBRE OS RESULTADOS

A. Caracterização da atividade da aula e reflexão sobre a correção das opções tomadas:

B. Identificação e análise dos fatores determinantes do sucesso ou insucesso da atividade da aula:

- Fatores de Sucesso:
- Fatores de Insucesso:

C. Caracterização dos efeitos da aula e identificação dos resultados obtidos pelos alunos (referindo os objetivos da UD):

2. DECISÕES DE AJUSTAMENTO

A. Análise da aula (alterações ao plano de aula):

B. O porquê das decisões de ajustamento:

3. INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA/PROPOSTA DE MELHORIA

A. Informação inicial:

B. Condução da aula:

C. Qualidade de *feedbacks*:

D. Conclusão da aula:

E. Gestão do tempo:

F. Organização/Transição:

G. Controlo:

H. Comunicação:

4. COMPORTAMENTO

A. Comportamento do aluno e da turma em geral:

B. Comportamento do professor:

ANEXO 4 – GRELHA DE OBSERVAÇÃO



FICHA DE REGISTO DE DADOS DE OBSERVAÇÃO DE AULA

ANO E TURMA:

PROFESSOR ESTAGIÁRIO:

OBSERVADOR:

TEMPOS DE AULA:

UNIDADE DIDÁTICA:

DATA:

Dimensão Instrução	Categorias	1	2	3	4
Informação Instrução	Comunica com clareza e economia				
	Domina os conteúdos utilizando terminologia adequada				
	Relaciona o trabalho da aula com as aulas anteriores e posteriores da U.D.				
	Certifica-se da compreensão da informação, reformulando-a quando necessário				
Condução da aula	Posicionamento e circulação adequada				
	Realiza a extensão/integração da matéria				
	Clarifica os comportamentos visados				
	Recorre a alunos para apoiar, corrigir ou demonstrar a transmissão dos conteúdos				
	Utiliza meios auxiliares de ensino				
Qualidade do Feedback	Assegura as condições de segurança das actividades				
	Correcta, compreensível, eficaz, lógica e pertinente				
	Utiliza o maior n.º de FB positivos, descritivos, prescritivos e de reforço				
	Distribui equitativamente os FB entre diferentes níveis de alunos				
Conclusão da aula	Conclui os ciclos de FB				
	Conclui a aula de forma serena e tranquila				
	Realiza o balanço final da aula verificando a aquisição de conhecimentos				
	Realiza extensão de conteúdos para as etapas seguintes da U.D.				
Organização da aula	Organização na arrumação do material				
Gestão	Categorias	1	2	3	4
Gestão do Tempo	Verifica-se um elevado tempo de empenhamento motor/aprendizagem				
	Respeita a organização temporal definida no plano de aula				
Decisões de ajustamento	Adopta decisões de ajustamento pedagogicamente correctas e ajustadas às situações				
	Em situação imprevista ajusta com qualidade, sem perder de vista os objectivos definidos				
Organização Transição	Demonstra capacidade e cuidado na organização da aula e suas transições				
	A aula apresenta uma estrutura coordenada, coerente e contínua				
	Doseia as diferentes tarefas de acordo com os objectivos definidos e com as capacidades dos alunos				
Clima Disciplina	Categoria	1	2	3	4
Controlo	Implementa regras e rotinas de aula claras e eficazes revelando capacidade de controlo				
	Motiva o comportamento apropriado com interacções positivas				
	Intervém estrategicamente com os alunos corrigindo comportamentos desviantes				
Comunicação	Capta naturalmente a atenção dos alunos passando facilmente a mensagem				
	Utiliza linguagem clara, correcta, adequada e acessível à compreensão dos alunos				
	Boa projecção de voz				

Legenda:

Nível 1: Não realiza

Nível 2: Realiza com pouca frequência

Nível 3: Realiza com frequência

Nível 4: Realiza com muita frequência



Dimensão Instrução	Observações
Informação Instrução	
Condução da aula	
Qualidade do Feedback	
Conclusão da aula	

Gestão	Observações
Gestão do Tempo	
Decisões de ajustamento	
Organização Transição	

Clima Disciplina	Observações
Controlo	
Comunicação	

ANEXO 5 – GRELHA DE REGISTO DOS FEEDBACKS DO PROFESSOR

ANEXO 6 – FICHA DE CARACTERIZAÇÃO INDIVIDUAL DOS ALUNOS



FICHA DE CARACTERIZAÇÃO INDIVIDUAL

Este inquérito é pessoal e deve ser feito individualmente. As informações que vais dar serão confidenciais e vão permitir ao teu professor conhecer-te melhor. Deves ser **SINCERO** e seleccionar **APENAS** as opções que correspondem à tua realidade. Não te esqueças de responder a todas as questões!

1.1 - IDENTIFICAÇÃO

Nome: _____
 Ano/Turma: ____/____ N.º : ____ Idade: ____
 Data de Nascimento: ____/____/____ Freguesia: _____ Sexo: Masculino Feminino

1.2 - AGREGADO FAMILIAR

Com quem vives :
 Pai ----- Mãe ----- Irmãos ----- Avós ----- Outros -----
 N.º de irmãos: ____ Idades: _____
 Encarregado de Educação: _____ Idade: ____
 Profissão: _____ Habilitações Literárias: _____ Grau de Parentesco: _____
 Em qual das seguintes situações se encontram os teus pais:
 Casados ---- Separados ---- Divorciados ---- Outra Situação ----
 Ausentes: Pai ---- Mãe ---- Falecidos: Pai ---- Mãe ----

1.3 – RESIDÊNCIA

Tipo de Habitação: Moradia: Própria Alugada Quantas divisões tem: ____
 Apartamento: Própria Alugada
 Tens quarto individual? _____

1.4 - ALIMENTAÇÃO/SAÚDE

N.º de refeições por dia: ____
 Pequeno-almoço ---- Onde: _____ O que tomas: _____
 Lanche (manhã) --- Almoço ---- Lanche (tarde) --- Jantar --- Ceia ---
 Quantos dias comes peixe por semana?
 0 ---- 1-3 ---- 4-7 ----
 Quantos dias comes carne por semana?
 0 ---- 1-3 ---- 4-7 ----
 Quantos dias comes legumes por semana?
 0 ---- 1-3 ---- 4-7 ----
 Quantos dias comes sopa por semana?
 0 ---- 1-3 ---- 4-7 ----
 Quantos dias comes “fast-food” por semana?
 0 ---- 1-3 ---- 4-7 ----
 O que bebes geralmente à refeição?
 Água ---- Refrigerantes ----
 Tomas banho todos os dias? Sim Não Quantas vezes por semana: _____



A que horas te deitas? 21-22h ---- 22-23h ---- 23-24h ---- +24h ----

A que horas te levantas? 6-7h ---- 7-8h ---- 8-9h ---- +9h ----

Ouves bem? Sim ---- Não ----

Vês bem? Sim ---- Não ----

Já tiveste alguma destas doenças?

Varicela ----- Tosse convulsa ---- Rubéola ----- Meningite -----

Hepatite ----- Febre reumática --- Sarampo ----- Papeira -----

Outras ----- Qual (ais)? _____

Tens alguma deficiência física? Sim ---- Não ----

Tomas algum medicamento regular? Sim ---- Não ----

És alérgico a algum medicamento? Sim ---- Não ----

Atualmente és portador de alguma destas doenças?

Otitis -- Asma -- Diabetes --- Epilepsia -- Doenças cardíacas -- Outras -- Qual (ais)? _____

1.5 - RELAÇÃO COM A ESCOLA

Distância escola/casa _____ Como te deslocas? Carro -- Autocarro -- A pé -- Bicicleta -- Outro --

Tempo gasto no percurso: [0 – 10]min -- [10 – 30]min -- Mais de 30min --

O que mais te agrada na escola? _____

O que menos te agrada na escola? _____

Menciona 3 disciplinas preferidas:

1 - _____ 2 - _____ 3 - _____

Menciona 3 disciplinas que não gostas:

1 _____ 2 - _____ 3- _____

Ficaste retido algum ano? Sim ---- Não ---- Qual (ais)? _____

Motivo: Doença ----- Excesso de faltas ----- Falta de estudo -----

Mudança de escola ---- Preguiça ---- Outros ---- Qual (ais)? _____

1.6 - OCUPAÇÃO DOS TEMPOS LIVRES

Como ocupas os teus tempos livres?

Ler - Jogar computador/Internet - Ver televisão - Ajudar os pais - Ouvir música - Estudar -

Conversar com os amigos - Passear - Praticar desporto - Ir ao cinema - Outros -

Quais? _____

Como costumavas ocupar o tempo livre na escola? _____

1.7 - DADOS RELATIVOS À EDUCAÇÃO FÍSICA

Gostas da disciplina de Educação Física? Sim --- Não ---

Que modalidades aprendeste no ano anterior?

Andebol --- Natação --- Voleibol --- Badminton --- Basquetebol --- Ténis ---

Futebol --- Ténis de mesa --- Corfebol --- Patinagem --- Futsal ---

Dança --- Rugby --- C. de Orientação --- Hóquei --- Escalada ---

Atletismo --- Aeróbica --- Ginástica --- Karatê ---

Que modalidades novas gostarias de aprender nas aulas? _____

Qual a que tens mais dificuldade? _____

Quais as tuas preferidas? _____

Quais as que menos gostas? _____

Na tua opinião qual a importância da E.F.?

Muito importante --- Importante --- Pouco importante --- Nada importante ---



De 1 a 10, qual a tua motivação para a realização das aulas de E.F.?

1 -- 2 -- 3 -- 4 -- 5 -- 6 -- 7 -- 8 -- 9 -- 10 --

Qual a tua nota na disciplina de Educação Física no ano lectivo anterior?

1 -- 2 -- 3 -- 4 -- 5 --

1.8 – DADOS DESPORTIVOS

Já praticaste alguma modalidade desportiva? Sim -- Não --

Qual (ais)? _____ Quantos anos? _____

Praticas actualmente alguma modalidade? Sim -- Não --

Qual (ais)? _____ És federado? Sim -- Não --

Gostarias de praticar alguma modalidade desportiva? Sim -- Não --

Qual (ais)? _____

Frequentaste o desporto escolar no ano lectivo anterior? _____ Qual a modalidade? _____

Gostarias de frequentar/continuar no desporto escolar? _____ Qual a modalidade? _____

Costumas ver espetáculos desportivos? _____ Quais? _____

Ao vivo: TV: Ambos:

Obrigado pela colaboração!

ANEXO 7 – GRELHA DE AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA

ANEXO 8 – GELHA DE AVALIAÇÃO FORMATIVA PONTUAL



DATA: _____

ESCALA DE APRECIÇÃO

1 – Não realiza nenhuma componente crítica do elemento ou realiza de forma muito débil.	3 - Realiza satisfatoriamente grande parte das componentes críticas do elemento, atingindo os objetivos mínimos.	5 - Realiza, com excelência, todas as componentes críticas do elemento, demonstrando domínio e facilidade na sua execução.
2 – Realiza um número reduzido de componentes críticas do elemento, de forma pouco satisfatória, sem atingir os objetivos mínimos.	4 - Realiza, com sucesso, as componentes críticas do elemento.	

CONTEÚDOS		Escala Quantitativa e Apreciação Qualitativa				
ELEMENTOS TÉCNICOS	Serviço	1	2	3	4	5
		Drive	1	2	3	4
	Clear	1	2	3	4	5
	Lob	1	2	3	4	5
	Amortie	1	2	3	4	5
	Remate	1	2	3	4	5



ELEMENTOS TÁTICOS	Adequação do gesto técnico à situação de jogo	1	2	3	4	5
	Ocupação racional do espaço	1	2	3	4	5
	Colocação do volante nos espaços de difícil receção	1	2	3	4	5

ANEXO 9 – GRELHA DE AVALIAÇÃO SUMATIVA

ANEXO 10 – FICHAS DE RELATÓRIOS DE AULA DOS ALUNOS



Nome: _____ Nº: _____ Data: _____
 Modalidade: _____ Professor: _____ Ano: _____ Turma: _____

<p>REGISTO DA AULA</p> <p>Que exercícios? O que se fez?</p>	
<p>COMPORTAMENTO DOS COLEGAS</p>	
<p>REFLEXÃO SOBRE OS EXERCÍCIOS APRESENTADOS</p> <p>São adequados? Sugestões de melhoria.</p>	
<p>MOTIVAÇÃO DOS COLEGAS PARA A AULA</p> <p>Estavam motivados no início? Adquiriram motivação com o decorrer da aula? Acabaram a aula satisfeitos?</p>	
<p>REFLEXÃO FINAL DA AULA</p> <p>Correu bem, mal, etc.</p>	
<p>SUGESTÕES / OBSERVAÇÕES</p>	



RELATÓRIO DE AULA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

ALUNO OBSERVADOR:	ANO/ TURMA:	Nº ALUNO:
DATA: / /	HORA:	DURAÇÃO:
U. DIDÁCTICA:	N.º DE ALUNOS:	CLASSIFICAÇÃO:

CONTEÚDOS ABORDADOS *(elementos técnicos e/ou táticos, alvo de execução durante a aula)*

PLANO DE AULA *(representação das tarefas, descrição das tarefas, objetivos das tarefas, momento da aula)*

--	--

REFLEXÃO *(breve reflexão pessoal que para além da análise à aula, também incida sobre o comportamento da turma e empenhamento dos alunos)*

**ANEXO 11 – CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO, PARÂMETROS, PONDERAÇÕES E
NÍVEIS DE DESEMPENHO**

AVALIAÇÃO - EDUCAÇÃO FÍSICA

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO, PARÂMETROS, PONDERAÇÕES E NÍVEIS DE DESEMPENHO

Critérios de Avaliação		Parâmetros	Ponderações		Níveis de Desempenho
Competências Específicas	Competências de acção	Desempenho técnico e/ou prestação motora Aptidão Física	55%	70%	Nível Introdução, Elementar e Avançado previstos no Programa Nacional Curricular Zona Saudável de Aptidão Física – Aplicação de Protocolo
	Competências de conhecimento	Conhecimentos teóricos	15%		Exposto e desenvolvido no Dossier de Departamento – Grupo de Educação Física
Competências Transversais	Relacionamento interpessoal e de grupo	Responsabilidade	3%	18%	100% - nível 5 95% a 99% - nível 4 90% a 94% - nível 3 85% a 89% - nível 2 Inferior a 84% - nível 1
		<ul style="list-style-type: none"> • Assiduidade e pontualidade • Higiene e segurança • Material 	3%		
		Respeito, Cooperação e Tolerância	3%		
			9%		
	Comunicação	Compreensão e expressão escrita Expressão oral	2%	30%	Exposto e desenvolvido no Dossier de Departamento – Grupo Disciplinar de Educação Física
	Métodos de trabalho e de estudo	Participação / Empenho	8%		
		Utilização das novas tecnologias	2%	10%	

Nota: Alunos comprovadamente incapacitados para a prática da disciplina (de acordo com a legislação) são objecto de uma avaliação diferenciada ao nível da ponderação das competências específicas. Assim, as **competências do conhecimento** corresponderão a **70%** da classificação.

